



Foto: Marcos Russo

Estado oferece remédio de graça contra 90 doenças

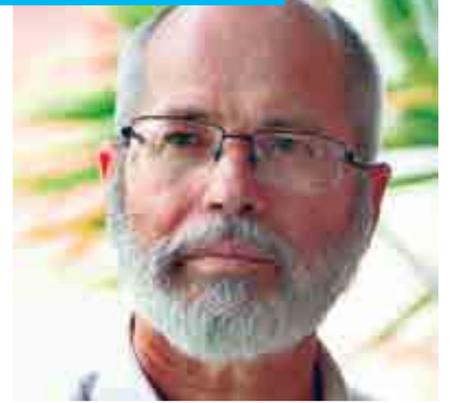
Cerca de 65 mil usuários na Paraíba já são beneficiados pelo Centro Especializado de Dispensação de Medicamentos Excepcionais. [Página 3](#)

Devotos pedem a lemanjá que leve a covid para longe

Sem templo à beira-mar, nem caminhada até o Busto de Tamandaré, em João Pessoa: tradicional festa dedicada à Rainha do Mar será diferente no ano da pandemia. [Página 7](#)

Entrevista

Foto: Edson Matos



Walter Galvão Presidente da Funescc conta como a fundação tem enfrentado as dificuldades geradas pelo coronavírus. [Página 4](#)

Paraíba

Defesa dos Direitos Humanos continua urgente no mundo

Criada há 72 anos, Declaração Universal garante bem-estar social, mas sofre ataques conservadores. [Páginas 5 e 6](#)

Diversidade

Invasores ameaçam terras quilombolas em Coremas

Impasse na transferência do território pode deixar com famílias sem ter de onde tirar o sustento. [Páginas 13 e 14](#)

Esportes

Torneio de futebol feminino tem início amanhã em Bayeux

Última competição de 2020 no calendário oficial do futebol da PB terá início com uma rodada tripla. [Página 12](#)

Ilustração: Tonio



Almanaque

Crises sanitárias Há anos a Paraíba enfrenta epidemias que, ao longo do tempo, provocaram mudanças nos hábitos da população e nas políticas públicas. [Página 17](#)

Colunas

/// Nietzsche apresentou o conceito de amor fati no seu livro 'Ecce Homo' (1888). (...) Nesse desafio, deve-se procurar o equilíbrio diante das próprias emoções. [Página 10](#)

Klebber Maux Dias

/// Gostaria de ter ido à Índia para sentar-me à beira do Ganges e contemplar o lento escorrer de suas águas levando a sacração das coisas num movimento infinito [Página 11](#)

Hildeberto Barbosa Filho

Cultura

Foto: Edson Matos



Aniversário Nos 40 anos da Fundação Casa de José América, A União resgata o início da instituição, que se tornou um espaço dedicado à memória, ensino e pesquisa. [Página 9](#)



Novo número
O Correio das Artes traz um especial sobre o curta 'Arunda', lançado há exatos 60 anos, com análises da obra e perfis de seu diretor, Linduarte Noronha. Também traz uma reportagem especial que mostra como está a Serra do Talhado, cenário do filme, em 2020.

Editorial

Dia de reflexão

No Brasil, não é possível falar em civilidade - ou quaisquer outras palavras e expressões associadas ao convívio harmonioso - quando se tem um número alarmante de homens, de todas as classes e formações, que matam mulheres pelo simples fato delas serem mulheres - crime hediondo que, nos dias atuais, enquadra-se na rubrica jurídica inédita do feminicídio.

Incompreensível, para muitos, a permanência do machismo em um tempo marcado por impressionantes revoluções promovidas pelo conhecimento, a exemplo das operadas no campo das tecnologias da comunicação e da informação. O poderoso chip não conseguiu elevar-se à condição de ferramenta capaz de extirpar as profundas raízes do preconceito.

A violência contra as mulheres, em suas variadas formas, todas abjetas, continua sendo um dos principais problemas sociais brasileiros. A mulher como objeto, como posse, como capitania hereditária, é uma ideia estapafúrdia, que o machismo estrutural alimenta e que os homens - e não apenas as mulheres - precisam combater de todas as maneiras possíveis.

A consciência insone, cansada de revolta, mesmo assim não se rende; não se entrega à omissão, diante dos fatos diários que transformam os noticiários em galerias de horror, tantas são as cenas de agressões cruéis, covardes - indefensáveis sob quaisquer pontos de vista -, tendo mulheres, de várias idades, como vítimas da sanha assassina do machismo.

A discussão sobre a violência contra a mulher deve estar na ordem do dia de todos os cidadãos e cidadãs, assim como o prato de comida deve estar sobre todas as mesas, postas à sombra de tetos e paredes. Os homens não deveriam fugir ao assunto, porque são personagens ou protagonistas dessa história da crueldade cuja escrita permanece em processo.

Hoje, Dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo Fim da Violência Contra a Mulher, não deveria ser mais um domingo de praia, cerveja e futebol, para lembrar, aqui, velhos chavões antes relacionados à masculinidade. O homem deve refletir sobre o seu papel social, e a questão de gênero não pode ser um ponto fora da curva de suas cogitações.

Artigo

Rui Leitão

iurleitao@hotmail.com | Colaborador

O luto na pandemia

Em março, quando começaram a surgir as informações das consequências da pandemia do coronavírus, o mundo inteiro manifestou-se assustado e pesaroso com as mortes por ela provocadas. O clima era de consternação universal. No Brasil o vírus não havia chegado ainda. Mas estávamos todos nós preocupados.

Não demorou muito e entre nós brasileiros a crise sanitária se instalou. Claro que nos primeiros dias a sensação era também de assombro e de pesar pela quantidade de mortos que se anunciava. Com o avançar do tempo a sociedade foi se acostumando com a tragédia. Os óbitos, cada vez mais crescentes, já não provocavam tanta desolação. A não ser quando entre eles está alguém da família ou amigo próximo.

Impressionante essa insensibilidade e total ausência de empatia. Algo que podemos considerar como desumano. A frieza nos sentimentos tornando-se comportamento normal. //

Muitos sequer têm o direito de se despedir dos entes queridos. Porém, não podemos deixar que o luto seja naturalizado pelo que percebemos como inevitável. Estamos correndo o risco de que esse processo de desumanização pode permanecer após a catástrofe que estamos vivenciando. Tenhamos cuidado com isso. Não tornemos nossos corações duros a ponto de minimizarmos a importância do luto. Não só dos que viviam no nosso ambiente cotidiano, mas de todos os que estão partindo vitimados por essa doença.

O noticiário da contagem diária dos que faleceram tendo como *causa mortis* a covid deixou de ser motivo de condoimento. Não se percebe mais o sofrimento comum. O enlutado passou ser visto apenas como sendo mais um. Já não se ver mais o choro e a inquietude com essa situação trágica.

O extermínio humanitário nunca visto antes vai se tornando um realidade que deixa de assustar ou causar compaixão e dor na coletividade. A relação da sociedade com o luto está mudando no contexto da pandemia da covid-19. Estamos nos habituando com esse anormal e tocando nossas vidas como se esse vírus não fosse letal.

O cenário atual é, sem qualquer dúvida, um grande desafio emocional e psíquico para todos nós. Até os ritos funerários sofreram mudanças com essa pandemia.

Muitos sequer têm o direito de se despedir dos entes queridos. Porém, não podemos deixar que o luto seja naturalizado pelo que percebemos como inevitável. Estamos correndo o risco de que esse processo de desumanização pode permanecer após a catástrofe que estamos vivenciando. Tenhamos cuidado com isso. Não tornemos nossos corações duros a ponto de minimizarmos a importância do luto. Não só dos que viviam no nosso ambiente cotidiano, mas de todos os que estão partindo vitimados por essa doença.

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

A casa de Noé

Esse vírus que agora nos visita parece que dá preferência às vítimas de coturno alto. Acho que é por isso que ele tem me poupado. Também eu não saio de casa, sou como aquele que ouviu do amigo "você está parecendo um touro". Envaidecido, o outro inflou o peito e revelou: "estou mais forte mesmo". "Nada disso, cara; são os chifres." O lon-ghorne saiu desvanecido.

O meu coturno é muito baixo, eu só uso sapatinhas.

À maneira de Millôr: "Ando com muito azar. Parece que pisei em rastro de corno."

O outro: "também você não sai de casa!"

Entrementes, na vida real, um cidadão foi se queixar ao delegado que a mulher estava lhe traindo.

E o xerife: "Isso. Isso não é comigo. Procure um advogado."

E a vítima: "E se eu matar o urso? -Aí é com o Ibama."

Os bichos merecem ter tratamento fraterno por parte do rei da criação. //

Minha gata está com um tumor numa das mamas. Ouvi dizer que o Governo Federal está pensando em criar um Inamps* dos bichos. Boa ideia, o presidente teve uma ideia. Brasil pátria amada! Eu me disponho a colaborar. Cá na Paraíba, o corona não poupou as altas patentes, a começar do veterano José Maranhão.

Lembro-me de quando não havia veterinários na

Paraíba - apenas um na Defesa Sanitária Animal. Particular, não existia. O primeiro médico veterinário nessas plagas foi o providencial Doutor Gilson Souto Maior, filho do casal Ildefonso-Nilza Souto Maior. Conheço-os desde menino.

Gil foi meu colega de classe no Ginásio Solon de Lucena e médico dos meus cachorros. Os pacientes são quem não colaboram muito: uma de nossas gatas mordeu minha companheira quando a gatona foi lhe dar banho. Registe-se que a gata é novata no ninho.

Não sei quem informa aos bichanos que somos receptivos aos animais. Pois, da meia dúzia de felinos que albergamos, seis nos chegaram espontaneamente, apesar de nossos dois cães de guarda. Aguardamos ansiosamente a inauguração do SUS dos outros animais.

Cá na Paraíba, o corona não poupou as altas patentes, a começar do veterano José Maranhão.

Os bichos merecem ter tratamento fraterno por parte do rei da criação. //



Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor

O chargista "Sessentou"...



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiego Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferroira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

Cedmex distribui remédios gratuitos contra 90 doenças

Serviço conta com uma rede com 20 unidades em toda a Paraíba que atendem cerca de 65 mil usuários

Nilber Lucena
Especial para A União

O Centro Especializado de Dispensação de Medicamentos Excepcionais (Cedmex) é um serviço vinculado à Secretaria de Estado da Saúde que distribui diariamente e de forma gratuita medicamentos para o tratamento de várias doenças. Ao todo, são quase 90 doenças com o tratamento medicamentoso oferecido pelo Cedmex e que contempla usuários de todo o estado, são quase 65 mil usuários cadastrados.

O atendimento no Cedmex ocorre das 7h às 15h30. Com a pandemia foi adotada como medida para garantir aos usuários o acesso ao medicamento o maior prazo na validade das receitas, que passaram a valer por três meses, o que diminui o fluxo de usuários na sede do Centro Especializado de Dispensação de Medicamentos Excepcionais e ainda foi autorizada a entrega dos medicamentos a alguém indicado pelo paciente, nos casos em que o paciente não pode ir devido aos riscos da covid-19.

De acordo com a Secretaria de Estado da Saúde (SES), somente na unidade do Cedmex de João Pessoa são mais de 15 mil usuários cadastrados, são 15.367 pessoas atendidas pelo serviço do Governo do estado, por dia são atendidos cerca de 500 pacientes. No Estado, o serviço conta com 20 unidades nas cidades de Campina Grande, Cajazeiras, Catolé do Rocha, Cuité, Guarabira, Itabaiana, João Pessoa, Mari, Monteiro, Patos, Piancó, Pombal, Princesa Isabel, Santa Rita, Sapé, São Bento, Sobrado e Sousa que juntas atendem a 64.462 usuários com a distribuição gratuita dos medicamentos.

Rosana Marinho dos

Santos, de 42 anos, é uma das usuárias do Cedmex João Pessoa, há nove anos ela é beneficiada pela entrega dos remédios. “Este serviço é fundamental para o meu tratamento, sou portadora de uma doença neuromuscular chamada Miastenia Gravis. O Cedmex ajuda muito na parte financeira, eu não teria nenhuma condição de pagar esse tratamento,” comentou a dona de casa.

“Faço o tratamento com o Mestinon e Rituximab, a minha qualidade de vida melhorou bastante, não posso passar dos horários dos medicamentos para não ter crise, porque o que mais me afeta é a respiração”, destacou a usuária.

Gilcélia Menezes Ribeiro, diretora do Cedmex, comentou sobre o funcionamento do serviço. “A maioria desses tratamentos é de uso contínuo e grande parte dessas medicamentos é de alto custo. Mesmo diante de ainda muitas deficiências do SUS, esse programa do Componente Especializado da Assistência Farmacêutica comprova o quanto avançou esse sistema, atendemos mais de 40 doenças raras, onde o acesso é igual para todo cidadão, contanto que esteja dentro dos critérios dos protocolos clínicos e diretrizes terapêuticas”.



Através do QR Code acesse o link da página do Cedmex onde estão informações sobre a lista de medicamentos, os endereços das unidades espalhadas pelo estado.



Foto: Robeto Guedes

População tem, através do serviço oferecido pelo Cedmex, ligado à Secretaria de Estado da Saúde, acesso gratuito a inúmeros medicamentos

Qualquer pessoa pode ter acesso ao serviço

A diretora do Cedmex ressalta a importância de divulgar a existência do serviço e que a entrega dos medicamentos representa uma melhora na qualidade de vida dos usuários. “Ainda precisamos divulgar mais para que todos tenham conhecimento, principalmente as pessoas com poucos recursos financeiros, que não tem condições de manter um tratamento desse por conta própria. O tratamento dessas patologias representam uma melhor qualidade de vida

para esses pacientes.” Gilcélia Ribeiro reforça que qualquer pessoa pode ter acesso aos medicamentos distribuídos pelo Centro Especializado de Dispensação de Medicamentos Excepcionais. “Qualquer usuário seja do SUS ou de Plano de Saúde, no entanto deverá estar dentro dos critérios exigidos nos protocolos clínicos definidos pelo Ministério da Saúde.”

Para ter acesso ao serviço o usuário tem que apresentar a receita e o laudo emitido por

um médico especialista solicitando o uso da medicação, no entanto, com o início da pandemia passou a ser permitido que o usuário apresente a receita e um laudo médico especializando, emitido pelas unidades dos Postos de Saúde da Família (PSF's), essa alteração possibilitando modificações na forma de entrega dos medicamentos foi feita através de uma Nota Técnica do Ministério da Saúde e tem validade até dezembro deste ano.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

DIEGO DESTACA ALIANÇA COM O CIDADANIA E DIZ QUE ATÉ 2022 “A GENTE VAI SUPERAR QUALQUER INTRIGA”

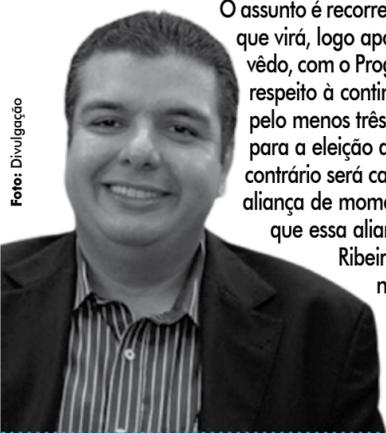


Foto: Divulgação

O assunto é recorrente na imprensa que, mesmo antes da classe política, busca antecipar cenários para a eleição que virá, logo após o término de uma. A aliança celebrada pelo Cidadania, partido do governador João Azevêdo, com o Progressistas, na campanha municipal deste ano, tem gerado a atenção de jornalistas, no que diz respeito à continuidade da parceria política até 2022, quando ocorrerá as eleições gerais. Esta semana, em pelo menos três vezes, lideranças dos dois partidos foram indagadas em entrevistas se a aliança se manterá para a eleição de governador. Conforme a coluna registrou, o governador João Azevêdo, que até prova em contrário será candidato à reeleição, afirmou, ao ser provocado a falar sobre o assunto, que “A gente não faz aliança de momento. Não se faz uma aliança achando que ela vai acabar após uma eleição. Tenho certeza que essa aliança vai durar por muito tempo”. Dias atrás, a mesma pergunta foi feita à senadora Daniella Ribeiro (PP), que fez referência à “extrema importância” do governador na eleição de Cicero Lucena (PP) em João Pessoa. Já o senador Diego Tavares (foto), também foi provocado a falar do tema: “Uma aliança se mantém quando a gente traz recursos para a Paraíba e com o nosso empenho para que ocorresse a liberação do empréstimo para que o governo [do BID]. Acho que o Progressistas deve participar da chapa majoritária, mas vamos deixar essa discussão para 2021”, argumentou. E garantiu: “Até lá a gente vai superar qualquer intriga”.

DANIELLA DIVERGE DO PP

A tese da possibilidade de reeleição de Davi Alcolumbre (DEM) como presidente do Senado vem dividindo opiniões na casa – o mandato dele se encerra em fevereiro do próximo ano. Entre os parlamentares que apoiam a recondução está a senadora licenciada Daniella Ribeiro (PP), que diverge da posição contrária adotada pelo seu partido.

APOIO A AGUINALDO

Suplente de Daniella Ribeiro, o senador Diego Tavares tem a mesma opinião da titular do mandato e também corrobora a tese de que Davi Alcolumbre deve ser reconduzido ao cargo de presidente. Essa divergência no PP envolve outra reeleição contestada: a de Rodrigo Maia (DEM). Há uma tendência: se Maia não puder se candidatar, deverá apoiar Aguinaldo Ribeiro (PP), irmão da senadora.

PEC DA REELEIÇÃO

No Senado, há uma PEC de Rose de Freitas (Podemos) que trata da possibilidade de Alcolumbre e Maia serem reeleitos – a Constituição, no parágrafo 4º do artigo 57, veda a reeleição de presidentes da Câmara e do Senado na mesma legislatura. Caso vá a plenário, a proposta precisará de, no mínimo, 49 votos favoráveis entre os 81 senadores.

EMENDAS PARA A PB

Amanhã, o governador João Azevêdo deverá ter reunião com auxiliares para definir as prioridades que serão apresentadas à bancada federal paraibana, no que diz respeito à apresentação de emendas ao Orçamento da União destinadas à Paraíba. Em Brasília, a condução desse processo será do coordenador da bancada, Efraim Filho (DEM).

EM DOCUMENTÁRIO

E o deputado estadual Jeová Campos (PSB) reuniu sua equipe de gabinete para avaliar sua atuação nos dois primeiros anos do atual mandato na ALPB e projetar as atividades para o segundo biênio. Entre os projetos futuros está a produção de um documentário institucional sobre atividades do seu mandato.

HOSPITAL DO SERTÃO: RECURSOS DA ORDEM DE R\$ 260 MILHÕES

Na próxima semana, possivelmente na quarta-feira, o senador Diego Tavares vai ao Ministério da Saúde, em Brasília, para tratar da busca de recursos para a construção do Hospital Universitário do Sertão, em Cajazeiras. De acordo com ele, será preciso alocar recursos da ordem de R\$ 260 milhões para concluir a obra. Já existe R\$ 20 milhões no MS para esta finalidade.

Walter Galvão,
Presidente da Fundação Espaço Cultural da Paraíba

“Equipe da Funesc é especialista em superar grandes desafios”

Em entrevista ao Jornal A União, Galvão fala sobre os caminhos da cultura durante a pandemia e sobre a Lei Aldir Blanc

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Uma das áreas que mais teve que se reinventar nessa pandemia foi a cultural. Os desafios surgiram com a impossibilidade de se aglomerar, realidade inerente a qualquer espetáculo tradicional. Nesta entrevista, o jornalista, escritor, músico autodidata e presidente da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), Walter Galvão, fala sobre os desafios durante o isolamento social, as inovações dos conteúdos artísticos e os planos para 2021, ano em que se comemora 120 anos de nascimento de José Lins do Rego, romancista que dá nome à instituição. Ele adianta que os eventos fixos, como o Projeto Cambada, as Quintas dialógicas, Agosto das Letras e o Panapaná, serão mantidos. Outros, porém, vão depender do contexto sanitário mundial. Conectado com o Brasil e o mundo, Walter Galvão criticou ações do Governo Federal e afirma que desconhece a existência de um plano cultural no país. Confira.

A entrevista

Como podemos resumir o que é a Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) e qual seu principal papel no Estado?

A Funesc, fundação pública de direito privado, é um complexo multicultural vinculado à Secretaria de Estado da Educação. Ela agrupa, num espaço arquitetônico especialmente projetado em aproximadamente seis hectares, diversos núcleos de aprendizagem, documentação, produção, promoção e exibição de atividades artístico-culturais. Ainda dispõe de uma praça de eventos e inúmeras salas e auditórios. O seu principal papel é o de realizar as diretrizes da política cultural do Governo do Estado, estimulando o protagonismo e a inclusão social, a democratização dos espaços de realização e exibição das artes e a diversidade. Assim, impulsiona a cadeia produtiva do setor e contribui para os projetos de formação de plateia e qualificação de habilidades artísticas.

O que ela engloba? Teatros, museus, cinemas?

A Funesc dispõe, para uso da população, de escolas de música, de circo, de teatro, de idiomas, de quadrinhos e de dança, além de teatros, cinema, planetário, museu, galeria, sala de concerto, luteria, biblioteca, gibiteca, e as orquestras: a Sinfônica, a Sinfônica Jovem, o coral... No total, são mais de 30 núcleos. Há também núcleos de serviço, a exemplo de agência dos Correios, agência bancária, lojas diversas, produtos naturais, indianos, estúdio de soluções gráficas e uma *startup*. Somente a praça de eventos tem capacidade para 11 mil pessoas.

Como esses espaços estão sendo administrados nessa pandemia?

Com muito cuidado, para evitar riscos às pessoas da equipe e também a quem precisar frequentar nossas dependências, graças ao compromisso de uma equipe realmente dedicada a preservar esse patrimônio importantíssimo da sociedade. Temos uma força-tarefa especial de limpeza, que promove diariamente a higienização das áreas mais suscetíveis de favorecer a contaminação, um trabalho diário, intenso e necessário. Também está atuando uma equipe de manutenção para garantir que os equipamentos de

unidades como teatros, cinemas, biblioteca, galeria, não sofram danos devido à não utilização, e também para evitar o acúmulo de poeira e outros agentes poluentes em equipamentos complexos como o do planetário, do cinema, a casa de máquinas do Teatro Paulo Pontes.

Na sua missão de estimular o fazer artístico no Estado, o que a Funesc realiza na prática?

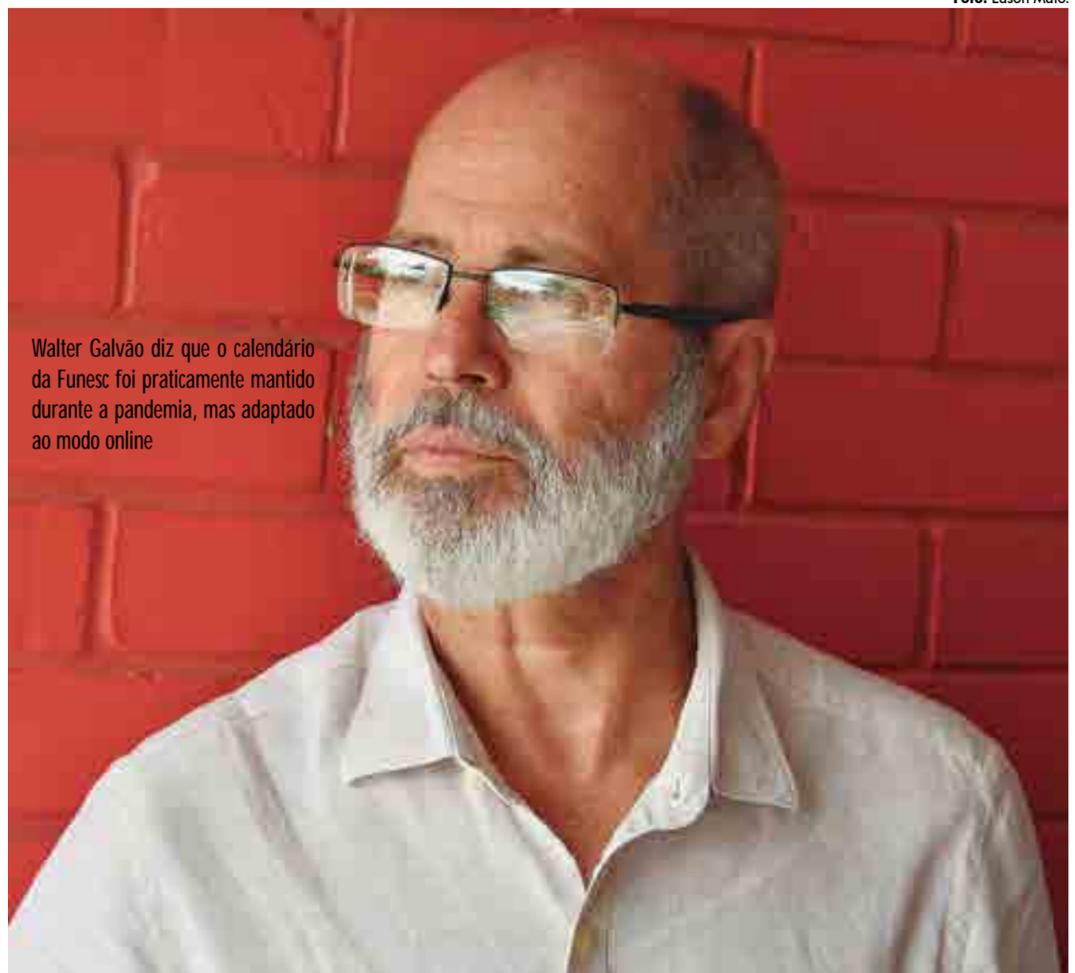
A Funesc estimula o fazer artístico através de inúmeros processos. Seja financiando a produção e garantindo a exibição por meio de uma política inclusiva e democrática de editais; seja através de parcerias com as diversas secretarias de Estado, promovendo jornadas de qualificação e aprendizado; ou com os projetos pedagógicos realizados nas escolas que a Funesc mantém. Além disso, temos espetáculos, encontros, shows e mostras, estabelecendo o diálogo social com seminários, painéis, palestras, e prestando assessoria a movimentos artísticos e grupos que atuam no Estado, promovendo exposições e outras atividades.

Órgãos e entidades tiveram que se reinventar este ano devido ao isolamento social. Cite uma iniciativa inovadora que a Funesc realizou este ano por causa da pandemia.

Na esfera administrativa, diria que a inovação, a partir de uma nova realidade jurídica e institucional gerada pelo decreto do Governo do Estado estabelecendo a emergência no início da pandemia e definindo o trabalho remoto, seria a prática de uma nova cotidianidade para a tramitação dos processos e a tomada de decisão com novas cadências produtivas integradas, unindo trabalho presencial e remoto. Quanto aos conteúdos artísticos, diria que ocorreram ganhos estéticos inovadores, principalmente na produção em vídeo, uma teledramaturgia específica, entre outras áreas, que certamente será estudada, com soluções técnicas encontradas pela equipe da TV Funesc, que estabeleceram novos patamares de realização.

A plataforma virtual, como opção na área cultural, veio para ficar?

Veio para ficar, sim, devido a fatores como, no âmbito administrativo, o favorecimento às reuniões, bem



Walter Galvão diz que o calendário da Funesc foi praticamente mantido durante a pandemia, mas adaptado ao modo online

Foto: Edson Mato

mais fáceis de realizar com equipes de outras secretarias, e também o público externo, como produtores e fornecedores. A troca de informações foi favorecida, mesmo acontecendo com a tempestividade que a conectividade permite nas respostas às demandas da sociedade. Quanto às atividades artísticas, podemos via online agrupar artistas de vários lugares do mundo e produzir coisas simultaneamente. As vantagens são muitas, realmente.

Que projetos devem ser colocados em prática pela Funesc no próximo ano? Cite os principais.

Fizemos nosso planejamento para 2021 trabalhando com as perspectivas oferecidas pelo quadro atual da pandemia, que são perspectivas de incerteza quanto à retomada das atividades presenciais. Manteremos, como aconteceu ao longo deste ano, os eventos fixos da Funesc, como o Projeto Cambada, as Quintas Dialógicas, Agosto das Letras, o Panapaná, de artes visuais, o Vamos Comer Teatro. O foco será ajustado a partir da conjuntura sanitária. O que não puder ser presencial, será virtual. Importante destacar que no próximo ano estaremos festejando os 120 anos de nascimento de José Lins do Rego. As atividades, portanto, serão permeadas pela presença da obra do romancista que dá nome à instituição.

O calendário de eventos, este ano sofreu muita alteração devido à pandemia?

O calendário foi praticamente mantido, não aconteceram, obviamente, as sessões de cinema e teatro presenciais. Eventos como feiras de negócio e mostras similares foram cancelados, mas os principais eventos da Funesc ocorreram com alteração de formato, as coisas aconteceram online.

“O principal desafio é a superação dos impasses que nos trouxe a pandemia. Estamos reaprendendo o cotidiano. Vamos juntos superar esse desafio.”

Quais os principais desafios enfrentados pela Funesc neste ano de pandemia?

O principal desafio foi estabelecer segurança em saúde para as equipes que não podiam deixar de comparecer à Funesc devido às questões que já mencionei. O outro foi garantir a programação artística online de modo a contribuir com conteúdos atrativos, para que as pessoas ficassem em casa. A frustração de receitas, devido ao cancelamento de eventos que geram renda, também foi desafiante. Mas a equipe Funesc é especialista em superar grandes desafios.

Quais as principais dificuldades da Funesc quando o assunto é o estímulo da cultura na Paraíba?

Não considero que tenhamos grandes dificuldades além daquela tradicional, sempre apontada pela classe artística e também pelas empresas de produção, que é a disponibilidade de mais recursos financeiros. Mas, o sistema de cultura da Paraíba oferece oportunidades, com financiamentos como o que é possibilitado pelo FIC Augusto dos Anjos, um programa realmente exemplar.

Como o senhor avalia a Lei Al-

dir Blanc? Quais os efeitos dela na cultura paraibana?

A Lei Aldir Blanc foi uma conquista da sociedade através do Congresso Nacional, iniciativa importante dos setores culturais organizados, que está favorecendo diretamente a cadeia produtiva cultural. A Secretaria de Cultura deu um show de organização no planejamento para a execução da lei, juntamente com outros setores do Governo, a exemplo da Codata, da Secom, Fundação Casa de José Américo, Planejamento e Controle Interno. Nós da Funesc nos integramos ao trabalho com 35 pessoas contribuindo para viabilizar os editais, a convocação da classe produtora à participação, e em muitas tarefas como consolidação de cadastros e definição de parâmetros para a orientação de quem se habilitou.

Como o senhor avalia o plano cultural do país na gestão do governo Bolsonaro?

Desconheço a existência de um plano cultural. Ao contrário, o que assistimos é ao desmonte do que funcionava, como foi o caso da Lei Rouanet, cujo teto de incentivos caiu de R\$ 60 milhões para R\$ 1 milhão, sendo elevado para R\$ 10 milhões para produções musicais devido à grita estridente de artistas e produtores. As empresas estatais como Banco do Brasil, Caixa Econômica, Petrobras e Correios reduziram drasticamente os recursos destinados à produção cultural, e representantes do Governo atacam a liberdade de expressão e a livre criação.

Quais os desafios da gestão para 2021?

O principal desafio é a superação dos impasses que nos trouxe a pandemia. Estamos reaprendendo o cotidiano. Vamos juntos superar esse desafio. Tenho esperança que sim.



Nunca o racismo foi tão presente nas discussões em torno dos direitos humanos no mundo e no Brasil; casos emblemáticos trouxeram à tona a importância de se colocar em prática a função dos mecanismos de defesa à vida digna

Afinal, para que servem os direitos humanos no país?

Declaração Universal dos Direitos Humanos completa 72 anos no dia 10 de dezembro marcada por desafios

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) completa 72 anos no próximo dia 10 de dezembro. O documento, constituído por 30 artigos, deixa claro os direitos assegurados aos seres humanos. Porém, nem todos são cumpridos. “Esse não cumprimento vem desde a aprovação, tendo em vista que a DUDH foi proclamada em plena vigência dos regimes coloniais, com as metrópoles enviando tropas e armas para reprimir as lutas de libertação. E, ao longo do tempo, a observância de todos os seus artigos continua sendo uma utopia na maioria dos países”, declarou Lúcia Guerra, presidente da comissão de instalação do Memorial da Democracia.

“O que foi posto como direito e liberdade estabelecidos na DUDH ‘sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição’, são descumpridos cotidianamente para grupos de excluídos que são escravizados em pleno século XXI; aumento da violência doméstica e o feminicídio; o desrespeito à diversidade religiosa, com as expressões de intolerância e fundamentalismos; o racismo; a homofobia; e tantos outros preconceitos e graves violações de direitos humanos”, elencou.

Para ela, os direitos básicos continuam sendo desrespeitados em razão das precárias condições de vida de grande parte da população de vários países. Essas pessoas enfrentam uma série de dificuldades como a fome, escassez de água e falta de condições de moradia e oportunidades de trabalho.

Sobre o descumprimento do que prevê a DUDH, o

vice-presidente do Conselho Estadual de Direitos Humanos (CEDH), Duciran Farena, citou como exemplo a questão do trabalho escravo. “Evidentemente nenhum país do mundo hoje admite a escravidão legalmente. Todos, então, estariam ‘cumprindo’ a Declaração? A escravidão continua existindo, tanto nos países do primeiro mundo como do terceiro”, constatou.

Para ele, a questão do cumprimento deve ser vista por outro ângulo. “O que o país faz de concreto para combater o trabalho escravo? Nesse ponto podemos ver gradações, do país que efetivamente combate as redes de trabalho escravo de imigrantes indocumentados, por exemplo, até o país que desmantela as políticas e equipes de combate ao trabalho escravo, como está acontecendo hoje no Brasil”, analisou.



Lúcia Guerra, do Memorial da Democracia

Foto: Arquivo Pessoal



Povos indígenas também estão entre os que, cotidianamente, têm seus direitos históricos violados

Foto: Agência Brasil



Educação é fundamental para implementar a Declaração

Atualmente, a Organização das Nações Unidas (ONU) é composta por 193 países-membros, todos signatários da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Contudo, de acordo com Lúcia Guerra, o descumprimento de alguns dos seus artigos acontece explicitamente, e processos de julgamento e sanção pelas Cortes internacionais não apresentam a devida efetividade.

“Para além de conscientização dos gestores para a implementação de políticas públicas promotoras dos direitos humanos, em todos os setores da sociedade, para mim uma se destaca: é a educação em direitos humanos. É a partir da educação que a população poderá exigir dos governantes e

de seus representantes a implementação dessas políticas, mas também, a própria população poderá ser a promotora dos direitos humanos”, afirmou.

Um breve histórico

A experiência dos horrores das duas guerras mundiais, dos regimes totalitários, de extermínios dos judeus e dos ‘povos inferiores’, do lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki foram motivos para que se elaborasse a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Ao final da 2ª Guerra Mundial, a preocupação era evitar uma terceira guerra e promover a paz entre as nações. Assim, conforme Lúcia Guerra, foi considerado que a promo-

ção dos ‘direitos naturais’ do homem seria uma condição necessária para uma paz duradoura.

O documento foi elaborado por um comitê formado por nove pessoas de influência, como diplomatas e juristas, e era liderado por Eleanor Roosevelt, embaixadora dos EUA na ONU. Os membros principais desse comitê eram Peng Chun Chang (Taiwan), Charles Dukes (Reino Unido), Alexander Bogomolov (União Soviética), John Peters (Canadá), Hernán Santa Cruz (Chile), René Cassin (França), William Hodgson (Austrália) e Charles Malik (Líbano).

A Declaração foi aprovada pelos países-membros da ONU, na III Assembleia Geral,

em 10 de dezembro de 1948. A ratificação do documento ocorreu por meio da Resolução 217. Ao todo, 58 delegações participaram, das quais 48 votaram a favor, entre elas, o Brasil. A ONU foi a grande articuladora diante dos blocos antagonísticos - capitalista e socialista, para se chegar a um consenso, pós 2ª Guerra Mundial e mesmo durante a Guerra Fria.

“A importância da Declaração é que ela criou o Direito Internacional dos Direitos Humanos e serviu de base, fundamento e inspiração para centenas de outros instrumentos de proteção dos direitos humanos, destinados à proteção de minorias, infância, detentos, entre outros”, acrescentou Duciran Farena.

▶▶▶ Continuação

Foto: Agência Brasil



Mesmo num contexto desafiador, a Declaração Universal dos Direitos Humanos precisa preservar a dignidade do povo e superar obstáculos

Pilares dos Direitos Humanos sofrem ataques constantes

Para especialista, várias partes que constam na declaração sofrem reiteradas violações, regidas por retrocessos

Lucilenemeireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Todos os artigos que compõem a Declaração Universal dos Direitos Humanos são igualmente importantes, mas algumas situações pedem um olhar mais atento. O vice-presidente do Conselho Estadual dos Direitos Humanos, Duciran Farena, observou que é difícil dizer qual o ponto mais crítico em termos de cumprimento, até porque trata-se de um documento evolutivo, que deve ser interpretado de acordo com outros instrumentos internacionais que deram melhor definição e concretude a seus deveres. Ainda assim, citou alguns destaques.

O artigo 16 assegura o direito ao casamento e à formação de família sem restrições de raça, nacionalidade ou religião. Ele surgiu especificamente como uma reação às leis raciais nazistas que proibiam casamentos de 'arianos' com judeus. "Devemos interpretar hoje este artigo da mesma forma que há 70 anos atrás? Certamente

que não", enfatizou.

Se fosse assim, seria possível dizer que ele está sendo cumprido quase que no mundo todo. "Mas, se interpretarmos de uma forma evolutiva, veremos que este artigo é fundamento para a liberdade de casamento e formação de uma família também entre pessoas do mesmo sexo. Sob este aspecto, vemos uma reação fortíssima – que é uma efetiva violação aos Direitos Humanos – e até mesmo retrocesso, como vemos hoje no Brasil, a partir de uma retórica de valores que é excludente e impeditiva da autodeterminação do ser humano, da busca de sua própria felicidade, que é um dos objetivos da Declaração", analisou Farena.

Outro ponto que também deve ser visto evolutivamente é o da proteção contra a discriminação. "Quando a Declaração foi promulgada, os Estados Unidos tinham uma política legalizada de discriminação racial. No Brasil, nunca foram necessárias leis desse tipo. A realidade de disparidades econômicas abis-

sais fazia um serviço muito melhor para manter as populações discriminadas subjugadas", constatou.

Racismo

"Hoje o racismo aflora a todo instante, a despeito da Constituição e da legislação aprovada desde a redemocratização, quando ficou claro que a 'democracia racial' nunca passou de um apartheid econômico extremamente eficaz. Na medida em que o Estado, por suas autoridades constituídas, nega a realidade da discriminação, por conseguinte, negando-se a agir contra ela, ou naturalizando-a, viola a Declaração Universal dos Direitos Humanos", comentou Duciran Farena.



Garantia para o cumprimento

A realização dos direitos humanos exige reconhecimento e proteção, mediante ações das autoridades e também com a colaboração da sociedade civil organizada.

O Conselho Estadual dos Direitos Humanos articula instituições públicas e sociedade civil na defesa dos direitos humanos.

"O CEDH, naturalmente, dentro de suas limitações, tem acompanhado as violações dos direitos humanos no estado e as ações dos outros conselhos e órgãos de Direitos Humanos em nível nacional. Os dois pilares da realização dos Direitos Humanos, reconhecimento e proteção, estão sob ataque constante hoje no Brasil", afirmou Duciran Farena.

Ele acrescenta que a desarticulação vem favorecendo um cenário negativo para os defensores dos direitos humanos. Assim, a prática fica ainda mais difícil, mas não impossível.

"Lamentavelmente, no plano federal, tem havido uma desarticulação de todos os conselhos de participação e o esvaziamento de todos os órgãos de proteção aos direitos humanos que não puderam ser simplesmente extintos administrativamente, quando não a ocupação de importantes espaços por indivíduos que têm discurso e prática contrária à defesa dos Direitos Humanos. Tudo isso torna este momento bastante complicado para a defesa dos Direitos Humanos no Brasil", disse.

Conheça alguns artigos que estão no documento

Artigo 2 - Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

Artigo 3 - Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Artigo 4 - Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas.

Artigo 5 - Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

Artigo 7 - Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a

ção e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

Artigo 11 - Todo ser humano acusado de um ato delituoso tem o direito de ser presumido inocente até que a sua culpabilidade tenha sido provada de acordo com a lei, em julgamento público no qual lhe tenham sido asseguradas todas as garantias necessárias à sua defesa.

Artigo 26 - Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.



igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração.

Fonte: Unicef.

Foto: Divulgação



O vice-presidente do Conselho Estadual dos Direitos Humanos, Duciran Farena

No Dia de Iemanjá, principal pedido é o fim da covid-19

Homenagens à Rainha do Mar terão protocolos de segurança; diferente de outros anos, não haverá caminhada

José Alves
zavieira2@gmail.com

A 55ª edição da tradicional Festa de Iemanjá, em João Pessoa, celebrada em 8 de dezembro, será bem diferente este ano, por causa da pandemia do novo coronavírus. O Templo ou o Palácio

“Este ano, o pedido de todos os fiéis a Iemanjá é pela saúde do nosso povo, para que ela acabe com o coronavírus e leve esse vírus para bem longe do Brasil”

de Iemanjá não será armado na beira-mar, nem haverá a caminhada, que todos os anos se inicia no bairro de Cruz das Armas e segue até o Busto de Tamandaré, comandada pelo orixá Pai Gilberto. “Este ano, o pedido de todos os fiéis a Iemanjá é pela saúde do nosso

povo, para que ela acabe com o coronavírus e leve esse vírus para longe do Brasil”. A fala é da presidente da Federação dos Cultos Afro-Brasileiros no Estado da Paraíba (FCAB-PB), Maria da Luz da Silva, 65 anos, mais conhecida como Mãe Penha.

“Para evitar aglomerações, a festa será realizada de forma individual, ou seja, com cada terreiro fazendo suas oferendas de maneira singular das 7h às 22h, sem a armação de nenhum palanque”, enfatizou Mãe Penha. Ela disse que nesse dia os orixás e adeptos da religião oferecem a Iemanjá perfumes, sabonetes, joias, flores, pentes e espelhos porque ela é uma divindade muito vaidosa”, explicou.

Ainda segundo Mãe Penha, “essa pandemia está provocando o caos em todo o mundo, e nós, aqui na Paraíba, estamos com medo dessa doença. Mas será permitido a to-

dos os terreiros fazerem suas oferendas à Rainha do Mar, mas sem a realização da tradicional festa”.

“Já avisei a todos os pais de santo como eles devem chegar para fazer oferendas, sem trazer muitos acompanhantes a fim de evitar aglomerações”, disse. A única coisa que vai funcionar é um caminhão trio a partir das 9h, em frente ao Busto de Tamandaré, com algumas pessoas batendo zabumba e cantando louvores para Iemanjá.

“Não vamos fazer a festa como ela acontece há anos atrairdo milhares de pessoas, porque sabemos que seríamos irresponsáveis e iríamos trazer muita doença para nossa cidade”, observou Mãe Penha, alertando que essa doença é mortal e continua destruindo vidas.

Para Mãe Penha e para todos que fazem parte da religião umbandista, Iemanjá significa

força e vida para todos, porque ela é a grande orixá. “Ela é nossa mãe de cabeça. É ela que nos protege e quem nos livra do mal. Se você faz coisas erradas, só Deus para ter misericórdia. Mas se você faz tudo certo e tem por exemplo, uma pessoa doente em sua família, Iemanjá cura. Nesse dia levamos presentes pra ela em oferendas para agradecer por tudo que ela faz por nós”.

Iemanjá

Considerada a Rainha do Mar, Iemanjá é uma das divindades mais queridas e cultuadas da umbanda e do candomblé. Muito respeitada, Iemanjá é tida como a mãe de quase todos os orixás. Sua representatividade está muito ligada à fecundidade – por isso foi destinado a ela o Mistério da Geração.

Iemanjá é a grande deusa afrobrasileira “facilitadora” dos amores.

Por isso, é muito solicitada em casos de desafetos, paixões conflituosas ou desejos de vinganças. Tudo pode ser conseguido se Iemanjá abençoar. Ela exerce fascínio, pois traz o estereótipo da beleza feminina: longos cabelos negros, feições delicadas, corpo escul-

“Não vamos fazer a festa como ela acontece há anos, atrairdo milhares de pessoas, porque sabemos que seríamos irresponsáveis e iríamos trazer muita doença”

tural, além de ser muito vaidosa.

Para os orixás, Iemanjá tem poder sobre o mar e quem entra em suas águas. É venerada e respeitada por pescadores e todos aqueles que vivem no mar. De acordo com umbandistas, a vida das pessoas que necessi-

tam do mar para sobreviver está nas mãos dela.

Sincretismo

Dia 8 os católicos também comemoram o Dia de Nossa Senhora da Conceição. Mas este ano, todas as procissões foram canceladas pela arquidiocese.

Em João Pessoa os cortejos acontecem tradicionalmente nos bairros de Tambauzinho e Mangabeira VIII.

Por causa da pandemia, as comemorações acontecerão dentro das paróquias com público reduzido. No Santuário de Nossa Senhora da Conceição, próximo ao Espaço Cultural, a procissão em tempos normais seria realizada às 19h, seguindo pelas ruas do bairro.

Já em Mangabeira, o cortejo seria realizado às 16h, partindo do ponto final da linha 302, seguindo por avenidas e ruas próximas à Igreja Nossa Senhora da Conceição.



Foto: Marcos Ruaso



Localizado a 150 quilômetros da capital João Pessoa, está o município de Pirpirituba; suas belezas naturais, aliadas às festas religiosas, costumam atrair visitantes não só da Paraíba, mas também de outros estados brasileiros

Pirpirituba cultiva belezas naturais e festas religiosas

É na simplicidade de seus moradores e nos eventos tradicionais que o município entra na rota turística da PB

José Alves
zavieira2@gmail.com

Situado a aproximadamente 125 quilômetros de João Pessoa, o município de Pirpirituba que está inserido na Rota Cultural Raízes do Brejo, tem como maior atração, o turismo religioso. Outros eventos, no entanto, também já fazem parte do calendário local da cidade, onde a maioria de seus habitantes utiliza a bicicleta como meio de transporte. No último dia 4 de dezembro, o município comemorou 67 anos de emancipação política.

O município de Pirpirituba se localiza na microrregião de Guarabira, no Agreste paraibano. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2019, sua população era estimada em 10.579 habitantes, numa área territorial de 79,8 quilômetros quadrados.

De acordo com historiadores, antes de tornar-se cidade Pirpirituba era uma aldeia indígena habitada pelos índios da Tribo Potiguar da Nação Tupi Guarani, de onde o nome foi herdado (Pery-Pery-Tuba), o que significa "capim junco e tuba". Ou seja, muito capim junco na região (espécie de planta aproveitada na fabricação de cangalhas. Em seguida, o nome foi adulterado e a cidade passou a se chamar "Pirpirituba".

O coordenador de Cultura e Turismo da cidade, Masenildo Soares, fala sobre algumas datas importantes para o município nestes tempos de pandemia. "Em razão da pandemia do novo coronavírus, todas as comemorações festivas estão sendo adiadas, mas os pirpiritubenses, acreditam

que o fim dessa pandemia esteja próximo, para poder realizar suas festas, principalmente as religiosas", disse Masenildo.

Os feriados que fazem parte do calendário cultural da cidade são os seguintes: dia 20 de Janeiro (dia de São Sebastião - Co - Padroeiro do Município; dia 29 de junho (dia de São Pedro); dia 7 de outubro (dia de Nossa Senhora do Rosário - Padroeira do município) e dia 4 de dezembro (emancipação política). Nessas festas, a população comparece em massa.

Pirpirituba está inserida na Rota Cultural Raízes do Brejo que integra nove municípios da região (Belém, Alagoinha, Duas Estradas, Lagoa de Dentro, Serra da Raiz, Borborema, Dona Inês e Pilôezinhos). O evento agrega arte, gastronomia, cultura, história e música, oferecendo diferentes experiências para a população local e turistas.

A Rota Cultural Raízes do Brejo conta com o apoio do Sebrae-PB e do Governo do Estado, por intermédio da PBTur. O evento vem se consolidando ano após ano como uma ótima alternativa de turismo no interior, com foco também na economia criativa e na geração de emprego e renda. A rota sempre acontece no segundo semestre do ano.

Nome da cidade tem origem nas palavras em tupi guarani 'Pery-Pery-Tuba', que faz referência a um capim nativo muito comum e abundante na região



A igreja matriz Nossa Senhora do Rosário (foto), a Serra da Jurema e a Praça da Cultura são alguns dos lugares que ficam movimentados por conta das festividades ou em períodos de férias



Fotos: Divulgação

Cidade possui vários cenários espetaculares

Os principais pontos turísticos de Pirpirituba são a Capela Nossa Senhora de Fátima, a área de lazer Novo Horizonte, a Usina São Francisco, o Cruzeiro de Batista (Serra da Jurema), a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário e a Praça da Cultura. Também é no município que está situada a Cachoeira do Rocandor, considerada a melhor porta de entrada para quem vai visitar o local. É lá que estão instaladas as lojas sede da premiada cachaça Serra Limpa.

As festas

O Fest Mel Pirpirituba (Festival do Mel de Pirpirituba). É um evento cultural que tem a função de promover a cultura da apicultura na região, bem como fomentar a geração de renda a novos empreendedores. O Fest Mel conta

com palestras, oficinas, apresentações de trabalhos, visitas técnicas, passeios, concurso da "Princesa do Mel", apresentações culturais, feira de artesanato, gastronomia especial e shows musicais. Se realiza sempre no último final de semana do mês de maio, com o apoio da Apismel e do Sebrae.

A Feira Municipal de Artesanato e Gastronomia (Femag) é um dos eventos mais importantes da cidade. O objetivo principal é o incentivo à produção artesanal e gastronômica do município. Acontece sempre no período de 22 a 24 de junho, data estratégica para valorização da cultura local e comemoração dos festejos juninos. A programação conta com a tradicional feira de artesanato, além de shows com bandas regionais e trios pé-de-serra. A

Festa do Rosário, realizada no mês de outubro é uma das mais tradicionais do turismo religioso da cidade. Ela acontece em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, padroeira do município de Pirpirituba. Com a participação maciça de moradores e turistas, a Festa do Rosário promove a geração de renda e a circulação de dinheiro no comércio local, abrangendo a venda de mercadorias e contratação de serviços.

A Festa de São José, realizada no bairro da Caixa D'água, se tornou em uma das maiores festas de bairro do Estado da Paraíba. Ela atrai moradores de diversos municípios do Estado, e tem como foco principal, a valorização das tradicionais festas interioranas. Essa festa acontece no bairro do Alto do Damião, e celebra o santo que leva seu nome.

Foto: Divulgação



A Cachoeira do Rocandor, um dos pontos mais procurados na cidade, que faz parte da Rota Cultural Raízes do Brejo, iniciativa do governo



Foto: Secom-PB



Foto: Theresia Silva/Funesec

Fundação Casa de José Américo completa 40 anos neste mês

Criada em 1980, instituição cultural é um espaço dedicado a memória, ensino, pesquisa e extensão

Cairé Andrade
caireandrade@gmail.com

Um patrimônio para a cultura paraibana, a Fundação Casa de José Américo é uma das heranças do escritor para a memória regional cultural, política e social do Estado. Completando 40 anos de inaugurada no próximo dia 10, a Fundação é o mesmo local onde o escritor, político e advogado José Américo de Almeida (1887-1980) viveu seus últimos 22 anos.

Sediada na Av. Cabo Branco, nº 3336, na orla marítima do Cabo Branco, em João Pessoa, a instituição cultural dedicada ao ensino, à pesquisa, memória e extensão foi criada em 1980, através do Decreto Lei nº 4.195, do Governo do Estado da Paraíba.

Para o jornalista Fernando Moura, atual presidente da Casa, o ambiente representa um ponto de convergência a pesquisadores e estudantes não apenas em relação ao histórico do escritor, mas da Paraíba. “A energia da Fundação gira em torno de sua missão principal que é guardar, organizar e disseminar a memória da Paraíba. Nesses 40 anos não houve estagnação quanto a isso, pelo contrário, houve um aperfeiçoamento no processo de arquivar todo esse material de forma que também possibilite um fácil acesso. Acredito que a principal função da Fundação é estimular a pesquisa”.

O variado material oferece, por exemplo, um passeio histórico pelas correspondências do ex-ministro e autor do clássico *A Bagaceira*, que ultrapassam as seis mil unidades trocadas com figuras entre a política e as artes, a exemplo de João Agripino, Getúlio Vargas, Mário de Andrade, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Juscelino Kubitschek e José Siqueira. “As facetas culturais da Paraíba são muito intensas. O que falta é a gente ir lá e analisar.



Foto: Roberto Guedes

Localizada próximo ao ponto mais oriental das Américas, na Av. Cabo Branco, nº 3336, na orla marítima de João Pessoa, a residência foi onde o renomado escritor e político José Américo de Almeida (na foto abaixo) viveu os seus últimos 22 anos



Foto: Arquivo A União

Provavelmente José Américo foi o principal personagem paraibano do século 20”, destaca o presidente da Fundação.

As pesquisas oferecem, portanto, a possibilidade de conhecer melhor a Paraíba por meio da vida e obra do ícone da literatura paraibana. De acordo com Moura, esse sempre foi o papel da Fundação, cujo foco maior aconteceu em torno de José Américo e a partir do qual também pode-se partir para variadas ideias. “Queremos contar a história da Fundação para, a partir dela, contar a história de José Américo e, a partir dele, contar a história da Paraíba”.

Enquanto secretário de Comunicação do Estado, o jornalista e escritor Gonzaga Rodrigues participou ativamente da abertura da Casa enquanto fundação. “Foi uma iniciativa própria e sem influência de

ninguém do governador da época, Tarcísio Burity, de comprar a casa à família e deixá-la como um centro da memória não só de José Américo, mas do acervo histórico do Nordeste”, contextualiza. A inspiração, de acordo com Gonzaga, veio da Fundação Joaquim Nabuco, localizada em Recife (PE).

“Hoje ela está muito bem entregue”, analisa Rodrigues. Para ele, a Casa está cumprindo com as funções de servir para o resgate da memória e para a pesquisa. “Até o momento, ela tem oferecido muito bem ao arquivo de José Américo. Mas o papel dele, que acabou se tornando um mito em função de seu empenho pelas ações do Nordeste, que é o de questionar, reunir o Nordeste em torno dos seus problemas, atualmente com a globalização essa identidade está dilacerada”.

Gonzaga reforça, portanto, a figura de José Américo em sua grande representação cultural e política da região. “A Casa tem que assumir esse papel de centro de estudos e pesquisas, não só da memória e da literatura, mas dos problemas sociais e ambientais regionais”, critica o jornalista, reforçando que a memória do próprio escritor é o mais importante. “Ela está sendo preservada e espero que continue, confio nas mãos de Fernando Moura, que se dedica tanto à memória da cidade”.

A professora Socorro Aragão, que chegou a presidir a FCJA ao final da década de 1990, participou de um seminário na Califórnia (EUA) sobre José Américo na época. “Nós fizemos uma programação muito rica e eu fui convidada para realizar uma conferência. Foi quando um professor participante me

informou que havia vindo à Paraíba nos anos 1950 e me deu a cópia de uma fita que tinha uma entrevista dele com José Américo”, relembra. “Mostrava a importância que Américo tinha para eles como escritor e político. Esse material está no arquivo da Fundação”.

Aragão complementa a memória com a relevância do arquivo que “dá pesquisa para uma vida inteira sobre a trajetória de um dos maiores escritores e políticos da Paraíba. Manter a memória dele e sua obra e repassá-la adiante permite que a juventude conheça e siga os passos que ele deu”.

A FCJA tem seguido, na análise da professora, uma série de programações muito boas, inclusive virtualmente. “Essa é a base da qualidade da Fundação, que tem esse grande papel de manter as coisas em dia”.

A escritora e pesquisadora Neide Medeiros complementa Socorro Aragão reafirmando a importância do escritor paraibano e de sua Casa. “A Fundação presta um grande serviço à Paraíba. Muitas atividades são realizadas e são demasiadamente importantes para a cidade, bem como para pesquisadores de todo o estado”.

Para Medeiros, abrir a Casa também para visitas escolares, para que as crianças e adolescentes conheçam melhor a história de José Américo, bem como o acervo como um todo, fortalece a memória do patrono. “A FCJA é um espaço de acervo e um espaço de cultura”.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Fundação

Fotos: Arquivo A União



Da esq. para dir.: o então presidente João Figueiredo estava presente na inauguração da Fundação Casa de José Américo; matérias de 'A União' de dezembro de 1980 e janeiro de 1982, respectivamente, sobre o museu dentro da instituição



Documentos e livros encontram o seu lugar

Amanhã tem início o seminário on-line 'Sítios de Memória'

A partir de amanhã, dentro da programação de celebração dos 40 anos de criação, a Fundação Casa de José Américo realizará o 3º Seminário de Pesquisa e Documentação em Sítios de Memória. O evento virtual vai até a próxima quarta-feira (dia 9), sempre às 9h, com mesas-redondas abertas ao público, transmitidas pelo canal oficial da FCJA no YouTube.

O seminário foi idealizado pelo Memorial da Democracia

da Paraíba, vinculado à Gerência de Documentação e Arquivo da FCJA. Neste ano, o evento trata das bibliotecas em Sítios de Memória e conta com a parceria do Projeto Bibliotecas em Memorials, financiado pela Fundação Alexander Von Humboldt (Alemanha), e do Grupo de Pesquisa Gestão de Acervos e Direitos Humanos (Gadh), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A abertura da programação terá o debate “Discutindo Sítios de Memória”, com palestra de Ana Paula Brito (Memorial da Democracia da FCJA) e Jennifer Cuty (do Grupo de Gestão e Acervos e Direitos Humanos - UFRGS). A mediação será da professora Lúcia Guerra, gerente-executiva do Arquivo da FCJA.

Já na terça-feira, a palestra “Biblioteca Memoriais” será realizada por Patrícia Oliveira, do Projeto Bibliotecas em Me-

moriais - Fundação Alexander Bom Humboldt, com mediação de Suelen Andrade (Memorial da Democracia da FCJA).

Por fim, a mesa redonda “Pensamento em Rede: com quem devemos somar?” encerra o Seminário, com Marília Bonas (ID Brasil/ICOM-BR /IFMRH), Letícia Julião (UFMG) e Eugênia Gonzaga (MPF - Grupo de Trabalho Memória e Verdade). A mediação será da professora Lúcia Guerra.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial da Fundação Casa de José Américo no YouTube

Modernidade, colonialidade e feminismo

As ideias basilares sobre a Modernidade a classificam como a forma de organização da vida social mais civilizada, justa e racional que já criamos. Um produto da cultura ocidental europeia que deveria ser replicado pelo mundo. O triunfo da Modernidade se expressaria através da racionalidade científica, da democracia liberal, da impessoalidade burocrática. Numa narrativa que gerou efeitos globalizantes e deletérios em relação a outras culturas e formas de organização social, que são descritas como mais atrasadas ou marginalizadas.

Vários estudiosos de países que passaram pela experiência de colonização nas Américas, na África e na Ásia, começaram a questionar essas concepções. A década de 1990, na América Latina, marca a ascensão de teóricos que colocaram em xeque a Modernidade. Entre os principais nomes destacam-se o peruano Aníbal Quijano e o argentino Walter Dignolo.

Eles argumentam que a retórica da Modernidade funcionaria de modo a camuflar a colonialidade, que é vista como o seu “lado obscuro”. A Modernidade inaugurou um tipo de dominação global com base no sistema capitalista – que só se tornaria mundial depois da colonização da América. Esse é um ponto chave da análise: capitalismo, racismo e colonialidade estão intimamente ligados. No processo de colonialidade se estabeleceu uma articulação entre trabalho e raça (trabalho livre para os brancos), servidão e escravidão para os nativos e negros. A divisão social do trabalho passou a obedecer a um critério de distribuição pela raça.

Dentro dessa perspectiva crítica surgiu o movimento feminista de caráter decolonial. Algumas das principais teóricas são as argentinas Maria Lugone e Rita Segato, e a estadunidense com ascendência mexicana, Glória Anzaldúa. Elas também entendem a Modernidade a partir do processo de colonização da América. O principal interesse delas é o “sistema moderno colonial de gênero”, que se funda numa espécie de negação do reconhecimento do gênero. Nenhuma mulher racializada é vista como uma mulher.

Tal pensamento está ancorado num processo de desumanização. Os dominadores europeus consideram mulher apenas as mulheres brancas. Desse modo, as mulheres negras e nativas são rebaixadas a uma condição sub-humana, desprovidas de feminilidade e humanidade, elas teriam nascido para serem exploradas.

É importante percebermos que o poder opera diferencialmente na América com base na raça e no gênero. A desumanização legitimaria, portanto, o uso de violência contra essas pessoas. Existem diferentes experiências históricas coloniais, mas todas apresentam a mesma lógica de opressão. A desumanização seria o elemento comum.

É a partir da América que esse sistema que seleciona pessoas pela raça e gênero se mundializa. O pensamento feminista decolonial aponta para uma premissa básica: “a vida exige apoio e condições possibilitadoras para poder ser uma vida vivível”. Isto significa, em outras palavras, que não há vida sem que determinadas condições sociais garantam a sua existência digna. A precariedade, é importante repetir, é uma condição social e econômica. Não uma identidade X ou Y. Ela acaba, por isso, atingindo de modo diferente certos grupos e pessoas.

Existem normas ideologicamente estabelecidas que fornecem enquadramentos morais e definem quais indivíduos ou grupos são ou não humanos, quais vidas verdadeiramente importam. O sistema colonial de gênero age de modo a produzir uma classificação de vidas que são dignas e indignas.

As saídas para esse sistema de dominação passariam por uma luta política pelo reconhecimento do outro, das culturas subalternizadas e pela união desses grupos. A ideologia neoliberal atribui ao indivíduo a capacidade e a responsabilidade pelas mudanças. Na visão do feminismo decolonial essa ideia é equivocada. A transformação é um ato coletivo que pressupõe uma articulação comunitária. Toda e qualquer transformação da realidade deve partir da própria realidade. Como dizia Michel Foucault, os sujeitos estão tomados pelo poder, mas “onde há poder há resistência”.

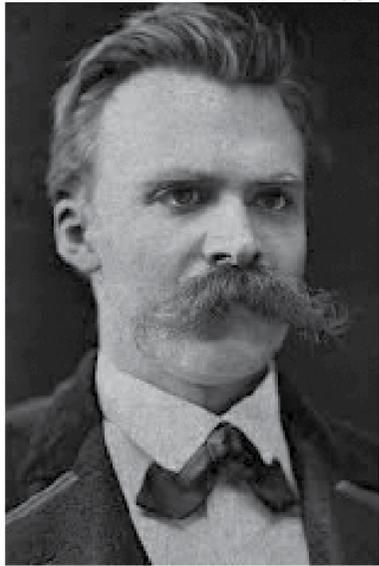
Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

‘Amor fati’

Foto: Divulgação



Filósofo, filólogo, poeta e compositor Nietzsche

O filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) apresentou o conceito de *amor fati* no seu livro *Ecce Homo* (1888). Nesse livro, Nietzsche escreveu: “Minha fórmula para a grandeza no homem é *amor fati*: nada querer diferente, seja para trás, seja para frente, seja em toda a eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo (...) mas amá-lo...”. Nesse desafio deve-se procurar o equilíbrio diante das próprias emoções, a fim de aprender a lidar com elas e se lançar no amor à vida. A firmeza para com o amor se constrói na prudência, dessa forma surge a leveza de estar na existência diante dos conflitos. Esse esforço de controlar a si mesmo é a certeza do melhor bem para si, porque se tem a certeza de que os desafios e os incidentes sempre voltam mais destrutivos, que causam o adoecimento psíquico de forma a destruírem sensibilidade e relacionamentos.

O *amor fati* encontrou, na doutrina do eterno retorno, o seu maior desafio. Esse conflito dá-se devido a impossibilidade de qualquer tentativa de mudança para com o que não está ao próprio controle, que pode ser representado no mito de Sísifo, por isso é o eterno recomeço. Nietzsche assumiu o *amor fati* como ideal de vida, e apresentou o desejo de ser um homem com o desejo de “algum dia” ser “apenas alguém que diz Sim!” – o Sim à vida! Para ele, o *amor fati* se tornou a sua essência e sentido de existência. Nietzsche assumiu a robustez e coerência de suas ideias ao afirmar em *Ecce Homo* que o sentido da existência é amar o próprio destino.

Seguem poemas de Nietzsche:

O Solitário

Detesto seguir alguém assim
como detesto conduzir.
Obedecer? Não! E governar,
nunca!
Quem não se mete medo não

consegue metê-lo a ninguém,
E só aquele que o inspira pode comandar.
Já detesto guiar-me a mim próprio!
Gosto, como os animais das florestas e dos mares,
De me perder durante um grande pedaço,
Acocar-me a sonhar num deserto encantador,
E forçar-me a regressar de longe aos meus penates,
Atrair-me a mim próprio... para mim.

Contra as Leis

A partir de hoje penduro ao pescoço
Com uma corda de crina o relógio que marca as horas;
A partir de hoje cessam o curso das estrelas
E do sol, e o canto do galo e a sombra;
E tudo aquilo que a hora nunca anunciou
Está agora mudo, surdo e cego:
Toda a natureza se cala para mim
Diante do tiquetaque da lei e da hora.

Sabedoria do Mundo

Não fiques em terreno plano.
Não subas muito alto.
O mais belo olhar sobre o mundo
Está a meia encosta.

Ao dar continuidade nesta coluna estética e existência, irei apresentar a vida do virtuoso violinista italiano Salvatore Accardo (1941), na Rádio Tabajara, no programa Domingo Sinfônico, que trata de música erudita.

Salvatore sempre interpretou peças que exigem virtuosidade e se imortalizou em gravações antológicas nas peças do alemão Sebastian Bach (1685-1750), do italiano Vivaldi (1678-1741), do austríaco Joseph Haydn (1732-1809), do austríaco Mozart (1756-1791), do alemão Beethoven (1770-1827), do alemão Max Bruch (1838-1920), do Theco Dvorak (1841-1904) e do finlandês Sibelius (1865-1957).

Salvatore contribuiu para massificar a música erudita através dos seus Festivais Internacionais e criou várias Orquestras de Câmara. Desde criança, ele interpreta o violinista italiano Paganini. Em 1954, aos doze anos de idade, obteve o mérito de louvor em seus estudos e aos treze anos se apresentou em público e interpretou todos os 24 Caprichos de Paganini. Em junho de 1956, aos seus 15 anos de idade, Salvatore concluiu seus estudos em violino e foi homenageado na Accademia Chigiana de Siena. Em outubro de 1958, aos 17 anos, ele venceu e recebeu o Prêmio Paganini em Gênova, tornando-se um dos mais jovens vencedores, a partir desse prêmio ele atuou nas orquestras mais importantes do mundo. No ano de 1973, aos 32 anos de idade, assumiu o cargo de professor na Academia de Música Chigiana.

Sinta-se convidado para a audição do 296 Domingo Sinfônico, deste dia 6, das 22h às 0h. Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Nesta edição Salvatore Accardo (1941) vai interpretar peças do violinista italiano Niccolò Paganini (1782-1840).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Baleia late lá fora

Estava olhando para o romance *Vidas Secas* na estante, que li há tantos anos, uma saga devorada e emblemática (será que posso pensar assim?) do escritor brasileiro Graciliano Ramos (1852-1953). O livro foi publicado em 1938 e trata-se de um romance documental inspirado nas experiências do autor. Sim, nas experiências de Graciliano, nas coisas que ele via, sentia, a pele, certamente fotografava as personagens com o olhar. Um labirinto de cenas sofridas.

A obra retrata a vida de uma família de retirantes, traçando a figura do sertanejo. Ao mesmo tempo, ele explora os temas da miséria e da eterna seca, desde o nascimento, vida e morte.

Logo veio a imagem da cadela Baleia, um membro da família de Fabiano e Sinhá Vitória. Lembro que Baleia era bastante amada, sobretudo, pelos meninos, filhos de Fabiano e Vitória. A sensação é que a família fugiu de algo pior que a covid. Acho que Baleia está viva até hoje – vez em quando encontro com ela na fantasia das calçadas das farmácias de João Pessoa. A família de Fabiano representa o pior de nós.

E por acreditar assim, que a cachorra sobrevivera, eu entendi que há muito meu pensamento não se continha no espaço quintal do pensamento global, até escapular para o mar (a única sensação cosmopolita que temos), e isso me salvou, não sei até quando.

O romance tornou-se um longa-metragem brasileiro em 1963, dirigido por Nelson Pereira dos Santos. *Vidas Secas* (o filme) recebeu o prêmio do Festival de Cannes na França, em 1964.

Na cena dessas dores, é preciso manter a mente ocupada, a boca um pouco calada, palavra ou comida demais preenchem um vão já tão cheio. Até pensei em Paulo Pontes e Chico Buarque, pois, qualquer desatenção, faça não, pode ser a gota d'água. Ou a lata.

Como ninguém, nada além, certo ou errado, duvidoso, estamos num mato sem cachorros. Entender que ao abrir o portão pro pensamento sair de mim, a não me deixar em círculos, em grupos, ignorando o mundo lá fora, ir além do jardim, eu mergulho num silêncio estranho de um menino triste. Às vezes, procuro nossa cadela Marlene entre os buracos do jardim.

Meu pensamento já foi lobo devorando tempos perdidos, meu pensamento, meu pensamento, mastigando imagens repetidas, um telefonema, uma mensagem amorosa, uma canção regravaada por Gal e Seu Jorge, ‘Juventude Transviada’ (de Luiz Melodia), uma agonia, como quem sonha de madrugada e só lembra de pequenos detalhes.

Meus olhos, valha me Deus, de repente ficaram grudados na Baleia de Graciliano, um terreno de espaços vazios como se o passeio público não existisse mais ou muito menos nos interessasse pensar assim.

Mas por que pensei em Baleia? Por uma cena que anima e transforma, nos alegra, mesmo na miserabilidade do tema das vidas secas, tão claras, tão às claras, em meio a tanta coisa que se acumula dentro de nós.

Quando meu filho nasceu há 20 anos, escrevi um texto dando boas vindas a ele que se chamava *Vidas Cheias*. Eu pensava em homenageá-lo, a mim, a mãe, na extrema delicadeza, no estiramento de um arco e uma fé cega na ponta da flecha, como quem festeja mais do que demais, afinal um filho nos ajuda a lutar mais pela vida.

Lembro que meu pai usava barbante para guardar algumas coisas, digo amarar e eu não sei exatamente como amarrar esse texto, fechar, terminar, dizer que eu levo a sério, que foi apenas um pensamento, o fato de eu lembrar de Baleia, que late lá fora: às vezes na chuva, no sol a pino.

Enfim, algo me remete à infância, à inocência, quando eu não sabia que viver é o maior sacrifício.

Kapetadas

1 - Feliz Natal, mas lembre esse ano não vai ter amigo secreto, só familiar ou oculto.

2 - Aqui em casa a gente esqueceu de desmontar a árvore de Natal do ano passado? Já no mesmo.

3 - Som na caixa: “Eu queria ser civilizado como os animais”, Roberto Carlos.

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Vai-se o homem; fica para sempre a alma do artista!

Costumo afirmar, em conversas com alguns parceiros de batente, que as “coisas de cinema” são eternas. Daí, o chamamento ao meu blog, que sempre vai no final de cada coluna que escrevo em **A União**.

Justos há dez anos atrás, homenageava através desta mesma coluna – enquanto admirador e parceiro de universidade, de nossas conversas sobre aulas e alunos, embaixo das árvores do Decom – o professor Linduarte Noronha, pelo cinquentenário de sua obra maior para o cinema. E concluía meu artigo dizendo: Parabéns, amigo Linduarte! Pelo feito marcante de *Aruanda* e por existires.

A rigor, aquele “...e por existires”, à época, tinha o significado de sua existência física, de sua coloidal convivência conosco e nossos papos sobre cinema, mas também de Academia, que passou a lhe honrar como Patrono da Cadeira 1. Agora, reavaliando a mesma expressão (“...e por existires”), vejo que o seu sentido não muda muito. Ela é, hoje, tão própria e sintomática como a de antes. Pelo simples fato de que, o bom artista se eterniza. Ele sempre existirá em nossas memórias...

Em sendo assim, por analogia, lembro que ele já começou a existir com nome de Artista. Não só porque tenha realizado um dos documentários mais singulares e revolucionários da história dos cinemas paraibano e brasileiro, há justos 60 anos, mas por marcar o próprio Cinema Novo com *Aruanda*. Docu-

mentário esse que fizemos questão de homenagear em nosso média-ficção *Antomarchi* (2010), resgatando e expondo cenas do seu filme numa das esquinas do Cine Rex dos anos 1960, cinquenta anos depois. Lembremos, ainda, mais uma obra sua e inesquecível para o nosso cinema: *O Salário da Morte*, considerado o primeiro longa-metragem genuinamente paraibano.

Pois bem, independentemente do feito por ele realizado, detenho-me ao seu próprio nome de batismo: Linduarte. Afora o sentido estimativo que o vocábulo possa imprimir, uma adequação de seu nome é de veras significante, igualmente no plano das artes. Não vejamos essa intrigante “equação”: Trocando-se a base/raiz da estrutura da palavra

Lindu (por belo-a) + arte = Bela Arte. Desculpem o trocadilho, mas não seria coincidência demais?...

Agora, novas homenagens a Linduarte Noronha serão prestadas, através do Fest Aruanda. E também o meu tributo ao nosso “prior”, não apenas pelo seu feito com *Aruanda* – 60 anos de escola de cinema documental no Nordeste brasileiro, sobretudo –, mas, certamente, pelas bases técnica e reflexiva por ele utilizadas, em razão dos valores locais, aos quais ainda hoje recorremos, em termos de Cinema Paraibano. Mais ainda, em razão de sua destacada memória representativa/respeitosa, que, acredito, jamais será olvidada. Vai-se o homem; fica para sempre a alma do Artista! – Mais “coisas de cinema”, acesse nosso blog: www.alex santos.com.br.

Foto: Divulgação



Cineasta Linduarte Noronha (1930-2012) e diversas cenas de sua obra maior: 'Aruanda' (1960)



Audiovisual paraibano estreia no YouTube

Com abertura de mais um festival de cinema em nosso estado, na próxima quinta-feira (dia 10), um novo audiovisual paraibano, em média-metragem, será assistido pelo YouTube. Trata-se de *Poltrona Rasgada*, uma realização dos integrantes da Academia Paraibana de Cinema (APC), Alex Santos e Manoel Jaime Xavier.

O média-metragem, que já pode ser assistido a partir de agora pelo streaming, completa uma trilogia sobre a cidade de João Pessoa e alguns fatos ocorridos há dezenas de anos atrás, iniciada havia dez anos, com *Antomarchi* e *Américo - Falcão Peregrino*, ambos também mídias e premiados pela APC. Todas elas trazem a marca da empresa paraibana de produções de Cinema e Vídeo - ASProd.

Na Internet

Finalíssima do Festival de Música da Paraíba acontecerá neste domingo

Depois de dois dias de eliminatórias, finalmente chega a hora de saber quais são os vencedores da 3ª edição do Festival de Música na Paraíba. Foram apresentadas no palco do Teatro Paulo Pontes, em João Pessoa, 30 composições inéditas realizadas por artistas paraibanos. De cada dia, o corpo de jurados pinçou sete, totalizando 14 composições finalistas.

Por conta da pandemia, o público poderá acompanhar a execução de cada música e os vencedores neste domingo, a partir das 20h, através das transmissões ao vivo e gratuitas pela Rádio Tabajara (FM 105,5 e AM 1.110, que podem ser acessada no radiotabajara.pb.gov.br), além das redes sociais oficiais da emissora e também pelo canal oficial da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) no YouTube.

Nesta edição, o homenageado é o Mestre Sivuca (1930-2006), multi-instrumentista, maestro, arranjador, compositor e cantor paraibano que completaria 90 anos em maio, cujo Ano Cultural promovido pelo Governo do Estado é dedicado ao renomado artista de Itabaiana.

Haverá uma premiação para as três primeiras colocações desta edição: o primeiro lugar vai levar um



Foto: Thercler Silva/Funes

Apresentações das 14 finalistas no Teatro Paulo Pontes serão transmitidas pela Rádio Tabajara e pelo YouTube

montante de R\$ 10 mil, já o segundo terá R\$ 5 mil e R\$ 3 mil para o terceiro lugar, além do prêmio de Melhor Interpretre no valor de 2 mil.

Com o objetivo de reconhecer e divulgar a música paraibana, descobrindo e valorizando artistas que vêm surgindo no cenário cultural, a 3ª edição do Festival de Música na Paraíba é uma realização da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), por meio da Rádio Tabajara, juntamente com a Secretaria de Estado da Comunicação (Secom-PB) e Funesc.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Funesc no YouTube

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

Gostaria de ter ido!

Nunca fui dado a viagens, mas gostaria de ter ido à Índia, para, de lá, ver meu país de longe. Sentar-me à beira do Ganges e contemplar o lento escorrer de suas águas levando a sagração das coisas num movimento infinito. Se existe um país que me lembra o infinito, esse país é a Índia, com sua misteriosa poesia e seus misteriosos encantos. Gostaria de ter ido à Índia, mas não vou mais. O tempo acabou.

Gostaria de ter ido à Rússia, para ver Moscou de perto, e, de mais perto ainda, sentir o cheiro de São Petersburgo, antiga Leningrado, cidade que veio a mim pelas páginas doloridas de Dostoiévski, a me falar do desassossego de suas “noites brancas”. Sim, sem dúvida, iria à Sibéria, para me enclausurar na palidez cerrada de suas planícies e estepes inalcançáveis. A Sibéria sempre me pareceu um sonho de uma geografia indescritível, um estranho lugar fora do mapa e distante de tudo. Como gostaria de ter ido lá, mas não vou mais. Não tenho mais tempo.

Gostaria de ter ido ao Tibete, para me alimentar de vento, solidão e silêncio, espiando a fragilidade do mundo do alto de suas montanhas sagradas, como se fizesse uma oração natural diante dos abismos, vendo a mim mesmo como sou e como não sou. Talvez ali, habitando uma pequena cabana em meio da floresta, descobrisse que há mesmo um Deus dentro de todas as coisas, que viver é dádiva, imperativo, milagre. Gostaria de ter ido ao Tibete, mas não vou mais. Onde o tempo? Onde a possibilidade?

Gostaria de ter ido à Colômbia para conhecer Cartagena e, se possível, tocar as marcas inefáveis da pequenina Macondo, em seus desenhos urbanísticos disseminados pelo hábito mágico dos mortos e dos antepassados. Ouvir seus fantasmas, seus naufragos, assassinos, loucos, suicidas, e guardar, na memória, o eco dos gemidos e sussurros dos que se amaram voluptuosamente libertos de pudor, remorso e culpa. Aproveitaria uma de suas tardes tépidas para reler Gabriel García Márquez, sob o fervor do sol se pondo, indiferente aos decretos do cólera que pode matar o amor. Gostaria de ter ido à Colômbia, mas não vou mais. O tempo rugel!

Gostaria de ter ido à Lisboa, para beber vinho e ouvir fado numa tabacaria qualquer às margens do Tejo. De Lisboa apreciaria seu casario de telhados poéticos, suas ruas antigas, seus cafés e dar-me-ia ao luxo de um Camões, de um Camilo e de um Pessoa em edições originais. De lá traria, na algebeira, o último soneto de Antero de Quental, um porta-lágrimas de porcelana árabe e a nua nitidez que pressagia a benção da beleza carpindo o solo da cidade. Gostaria de ter ido à Lisboa, mas não vou mais. O tempo é pouco, e careço, urgente, de rever a minha Comarca!

Gostaria de ter ido à Argentina e andar pelas avenidas de Buenos Aires. Ah! as livrarias de Buenos Aires! Os sons do tango invadindo os canteiros da noite, o deserto se elaborando na Praça de Maio, a Casa Rosada, a Ricoleta, e Borges transmutando tudo isto no fulgor da mais clara e precisa palavra literária. Buenos Aires, tão perto daqui! A Argentina, seu futebol, sua aristocracia intelectual! Por que não fui lá? Como gostaria de ter ido, mas agora não vou mais. Vou ficar por aqui mesmo, pastando o tempo que me resta, imaginando como teria sido se tivesse feito essas viagens.

Foto: Divulgação



“Gostaria de ter ido ao Tibete, para me alimentar de vento, solidão e silêncio”



Com todas as medidas de segurança sanitária, as atletas de seis times, incluindo o Botafogo, vão disputar o título estadual desta temporada entre os dias 7 e 19

A bola agora é com elas

Campeonato Paraibano Feminino começa amanhã, em Bayeux, na última competição oficial da Federação em 2020

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Última competição do ano no calendário oficial do futebol da Paraíba, o Campeonato Paraibano Feminino começará amanhã com uma rodada tripla que será realizada no Estádio Lourival Caetano, na cidade de Bayeux. Os jogos começam às 15h com a partida entre Kashima e Guará. Depois, às 18h, Internacional e Mixto se enfrentam. Fechando a primeira rodada, às 21h, jogam Auto Esporte e Botafogo no primeiro clássico Botafogo de 2020.

A competição organizada pela Federação Paraibana de Futebol reunirá seis clubes (Auto Esporte, Botafogo, Guará, Internacional, Kashima e Mixto), um a menos que no ano pas-

sado. Outra diferença importante em relação à edição de 2019 é que apenas o Botafogo, entre os clubes da primeira divisão masculina, seguirá com uma equipe na disputa, enquanto que na edição passada, Treze e São Paulo Crystal participaram também do certame feminino - naquela ocasião, a equipe de Cruz do Espírito Santo ainda não havia feito sua estreia na elite masculina, mas já se preparava para estreiar.

Por outro lado, equipes tradicionais e acostumadas em disputar a competição seguem fortes para a edição desse ano como o Kashima - campeão em 2012 e três vezes vice (2015-2017) -, Guará e o Mixto, vice-campeão no ano passado e em 2018. Além deles, a dupla do Bo-

tafogo e o atual vencedor da disputa, o Auto Esporte voltam para brigar pelo título. Correndo por fora está o Internacional, novidade dessa edição, que virá representando a cidade de Mangabeira no cenário do futebol feminino da Paraíba.

Atual campeão e tendo disputado o Campeonato Brasileiro da Série A2 nesse ano - onde acabou sendo eliminado ainda na primeira fase após começo promissor na disputa que não prosseguiu no retorno da pausa do futebol ocasionada pela pandemia da covid-19 -, o Auto Esporte chega, de certo modo, com a obrigação de mais uma vez brigar pelo título, porém, para buscar esse objetivo, terá que se reorganizar depois da saída de Guilherme Paiva do comando da equipe - o atual campeão estadual mudou de lado na rivalidade e agora faz uma dupla com Gleide Costa, reforçando o já forte elenco botafoguense com oito atletas que estavam no Auto.

Para o lugar de Guilherme Paiva, o Auto Esporte contratou Marconi Araújo que já teve passagens pelo Mixto. O novo técnico, que teve sua contratação anunciada pela diretoria automobilista na última quarta-feira (2), acredita que mesmo com pouco tempo de preparação a equipe estará pronta para o clássico contra o Botafogo e que o time seguirá firme na competição em busca do bicampeonato, mesmo com a saída de atletas e da antiga comissão técnica, justamente para o rival e adversário de amanhã.

“Assumir às vésperas nunca será o ideal para qualquer treinador, mas quando se acredita no projeto e somado à união da equipe, que já foi possível observar no primeiro contato com as jogadoras, as expectativas são de um bom desempenho no campeonato. Nosso elenco está com aquela mescla boa de jogadoras que chegaram para somar em qualidade e aquelas

que foram campeãs no último ano. Portanto, nos resta trabalhar de forma intensa para encaixar o máximo possível. Sabemos que ganhar uma vez é difícil e continuar ganhando é mais ainda, mas estamos nessa caminhada para ser campeões e acredito que é possível buscar o bicampeonato”, afirmou Marconi Araújo, novo treinador do Auto Esporte.

Vice-campeão em 2018 e 2019, outra equipe que promete bastante nessa temporada é o Mixto que promoveu uma grande reformulação em seu elenco que hoje conta com 30 atletas. No atual grupo de jogadoras, apenas seis atletas são remanescentes da temporada passada: Dallas, Mirian, Elisabete, Débora, Ellen, Rayssa. As demais são em sua grande maioria de fora do estado e serão comandadas pelo técnico Cristiano Recife em parceria com o auxiliar técnico Eduardo Silvestre.

Nesse sentido, efetivamente trata-se de um novo time que,

na visão do presidente do clube, Marconi da Silva está preparado para brigar pelo título e bater de frente com os adversários na competição que esse ano promete, pois além do trio formado pelo próprio Mixto, Botafogo e Auto Esporte que disputou a competição até a última rodada e times como o Kashima chega renovado para a disputa e promete embaralhar a corrida pelo título.

“O Mixto teve uma grande reformulação em relação ao campeonato do ano passado. Fizemos uma mudança radical em relação ao grupo do ano passado. Trouxemos 23 novas atletas de várias regiões do país, incluindo jogadoras com passagens pela Seleção Brasileira, de modo que possamos ter um grupo muito forte para essa disputa”, afirmou.

Botafogo

Pentacampeão estadual e agora contando com uma comissão técnica que reúne nove

títulos paraibanos no currículo, o Botafogo, assim como tem sido ao longo dos últimos anos, é sem dúvida alguma um dos grandes favoritos ao título. O clube chega para essa disputa com a eliminação precoce do ano passado presa na garganta e, com a renovação do seu elenco, incluindo as novas atletas trazidas do Auto Esporte por Guilherme Paiva, somado ao já competente grupo formado por Gleide Costa desponta ao lado do Mixto como principal favorito ao título de 2020. Correndo por fora do trio que protagonizou a disputa no ano passado, quem promete dar bastante trabalho aos favoritos é o Kashima. A equipe realizou uma parceria com a prefeitura de Bayeux e foi a primeira a iniciar os treinamentos na cidade da Região Metropolitana da capital. Mais distantes dessa perspectiva Guará e Internacional podem ser gratas surpresas e merecem respeito dos adversários nessa nova competição que se inicia.

TABELA DO CAMPEONATO FEMININO

1ª RODADA - 7/12

Estádio Lourival Caetano - Bayeux
15h
Kashima x Guará
18h
Mixto x Internacional
21h
Auto Esporte x Botafogo

2ª RODADA - 10/12

Estádio Lourival Caetano - Bayeux
15h
Internacional x Botafogo
18h
Kashima x Mixto
21h
Guará x Auto Esporte

3ª RODADA - 13/12

15h
Botafogo x Kashima - Maravilha do Contorno
15h
Auto Esporte x Mixto - Mangabeirão
15h
Guará x Internacional - Lourival Caetano

SEMIFINAIS - 16/12

1º do Grupo A x 2º do Grupo A - Lourival Caetano
1º do Grupo B x 2º do Grupo B - Lourival Caetano

FINAL - 19/12

10h - Vencedor de semifinal 1 x Vencedor da semifinal 2
Local a definir

LATAM
TRAVEL

Faz a sua viagem.



Custódio D'Almeida Azevedo Filho e não foi devidamente creditada.

A LATAM Travel lamenta o ocorrido e informa que já se retratou legalmente com o proprietário da imagem.

Para esclarecimentos, a foto de João Pessoa/PB publicada no dia 21 de setembro de 2014, na página do Facebook da loja TAM Viagens São José dos Campos Shopping Vale Sul, era de autoria do fotógrafo



A comunidade recebeu a certificação de quilombo da Fundação Cultural Palmares em 2006 mas, desde então, o processo de posse e titularidade não avançou. Moradores aguardam definição entre Dnocs e Incra sobre o caso

Terras quilombolas no Sertão da PB na mira de invasores

Impasse entre Dnocs e Incra deixa comunidade Cruz de Tereza, em Coremas, sem títulos de posse do terreno

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Aproximadamente cem famílias quilombolas de Cruz de Tereza, no município de Coremas, Sertão da Paraíba, vivem apreensivas com receio de perderem suas terras por conta de um impasse no processo de transferências do território. Desde 2006, a comunidade recebeu a certificação de quilombo da Fundação Cultural Palmares mas, desde então, o processo de posse e titularidade não avança. Enquanto isso, os moradores afirmam que os terrenos vêm sendo invadidos por terceiros para construção de moradias e pontos comerciais, como motel e fábrica.

“O quilombo Cruz de Tereza já recebeu a certificação da Fundação Cultural Palmares e espera o processo de regularização fundiária por parte do Incra. Enquanto isso, as terras da comunidade estão sendo invadidas por terceiros, lotea-

das e até vendas”, afirmou a antropóloga Patrícia Pinheiro, coordenadora do Observatório Antropológico da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que, juntamente com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra-PB), está realizando o Relatório Antropológico do local. O documento, segundo o Incra-PB, é necessário no processo de regularização territorial.

A antropóloga destacou que os moradores da comunidade denunciam que estão sofrendo ameaças; o Ministério Público Federal (MPF) da região está acompanhando o caso.

Uma das líderes quilombolas de Cruz de Tereza, dona Damiana Tomás Ferreira, afirma que a situação na região é grave e há vários anos a comunidade luta contra as ocupações ilegais. “Invadiram o espaço onde ia ser feita a nossa capela e construíram casas. Tem um corredor que

é por onde os pescadores descem para o açude para pescar e não pode ser fechado. Mas ele já está sendo invadido também”, disse.

A líder quilombola declarou que o Dnocs foi procurado, mas o problema nunca foi resolvido. De acordo com ela, há quilombolas que estão perdendo suas moradias por conta das ocupações de terceiros, e indo embora. “Os terrenos que

restam, a gente não pode construir, porque dizem que o espaço não é da gente. E ficamos nesse sofrimento, sem saber como resolver”, desabafou Damiana.

Francimar Sousa, membro da Associação de Apoio às Comunidades Afrodescendentes (AACADE), conta que a indefinição envolvendo a demarcação do território quilombola é ocasionada pela falta de posi-

cionamento do Departamento Nacional de Obras contra a Seca (Dnocs) e do Incra.

“Sem um posicionamento por parte, principalmente, do Dnocs, continuam as ocupações irregulares por não quilombolas, empresários, comerciantes, prefeitura municipal entre outros, com conhecimento do órgão (Dnocs)”, enfocou.

Além de perda de moradias, Francimar Sousa afirma

que a comunidade está ficando sem espaço para produção agrícola e também lazer. Ela reforça que o conflito já resulta em ações junto ao Ministério Público Federal da região e que outros quilombos passam por situações semelhantes. “Na mesma linha de violação de direitos, tem a questão do território quilombola de Barreiras, também área pertencente ao ‘Dnocs’, frisou.



As terras quilombolas são o lar de cerca de cem famílias remanescentes de escravos, localizadas no município de Coremas, no Sertão do estado

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Rejeito o poder central, com lamentáveis pessoas

Hoje, passados insanos momentos e duros testes, vi e absorvi haver LUZ no fundo do poço, para saber que amo ao próximo como a mim mesmo.

Criamos os vampiros das nossas existências. Alguns, masculinos; outros, femininos. Manifestam-se durante sonhos que não percebemos. Vampiros são anjos que podem nos fazer bem ou mal dependendo de nossos estados de espírito. A vida é uma sucessão de hologramas, resultantes de quando Deus passou por este planeta há centenas de milênios e deixou seu gigantesco legado. Foi quando o Verbo se fez carne(s) e continuou a habitar entre nós. Sonhamos quando estamos acordados. Sonhos são diferentes quando dormimos. A cada despertar estou descobrindo mais a Essência. Brinco de viver, sabendo que é preciso ganhar dinheiro, alimentar meu corpo, receber afeto e criar. Até o dia em que sair de vez deste frágil templo e mergulhar no Cósmico sem necessidade de tempo e espaço. Todos somos assim.

Navego em letras multalém. Love amore amour. De rude se fez aquachristal. Uma Bermuda flutua no ar. Nada tudo restou. AM FM

ondas curtas médias longas surfs literários surtos libertários.

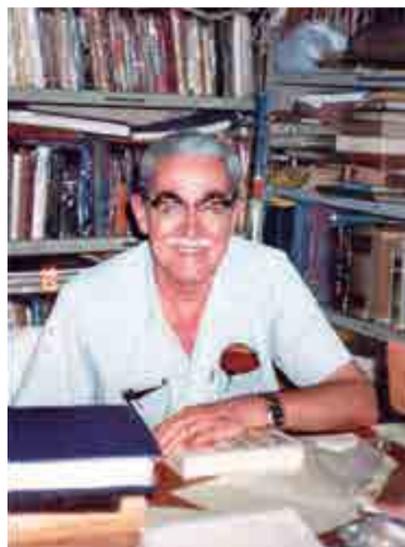
Apassionate. Nom name no non yes oui. Não há namorados, mas enamorados. Innamorati. Io, innamorato. Apassionato. Piove. Escreverei a “Cronaca apaixonata”? Mudarei como um semideus o curso de minha própria história? Não, não tenho história. Carrego histórias. Confesso que sou três em um. Irradio-me, gravo-me, toco-me. Só sou poeta porque minha pele leva o pó da estrada. Chove sobre mais-que-amor. Piove.

Somos todos conectadas desconexões. Superinflaram-se os egos. Ainda há amor? Ou somente desejos, dinheiro, poder, posse, trocas de elogios e agressões?

Hoje é possível inocular um câncer. A biometria é somente o início dos chips que planejam colocar em nós. Até que tudo fará com a necessidade de fugir. Não sei quando isso acontecerá.

Meu “Nós - An insight” é um livro com poemas proféticos. A crítica não percebe porque só vê literatura e não sabe que ela é um meio e não um fim.

Um poema consolida-me. Consolo-me com solos de passarinhos near my window



Por isso, comecei a escrever um livro que não tinha planejado: “Survival”. Os não planejados são os melhores. Escrevo em clima d’insight, sobrevivendo.

Redadequemo-me à espiritualidade, proocuro para enfrentar fortemente os tumultos.

Não é possível exorcizar ninguém sem exorcizar a si mesmo.

Os “zumbis” de caras lavadas somente conseguirão o domínio total se não passarmos da sobrevivência para a resistência. Eles se infiltraram na política e nas religiões. Fui rosacruz e tenho consciência do que escrevo. Os sinais são bem visíveis mas a maioria está cega. Estamos como uma SodomaGomorra tecnológica. A prostituição, a violência e a ignorância são irmãs gêmeas.

Hoje entendo por completo meu encontro com o engenheiro e parapsicólogo Hernani Guimarães Andrade (foto), em São Paulo, na metade dos anos 1980.

Sei que algumas pessoas não consideram que tenho o dever de difundir e defender somente o Português por aqui ter nascido. But, o que mais conforta a minha mão direita é manuscruver em Inglês. É uma forma de rejeição minha não ao Português, mas às lamentáveis e apedrejantes pessoas que estão no chamado poder central brasileiro.

Minha mãe Antonieta, nascida pernambucana, não idolatrava o Brasil, onde sobreviveu para que sobrevivessem seus três filhos.

Nunca lutei loucamente por poder financeiro ou poder intelectual. São coisas que fazem a alma conviver mal com o corpo sem que a mente perceba.

▶▶▶ Continuação

MPF acompanha denúncias e pede ação do Dnocs

Procurador solicitou que o órgão federal tome providências com relação às invasões e ocupações irregulares no local

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

O procurador da República Anderson Lima informou, por meio da assessoria de imprensa, que o Ministério Público Federal (MPF) acompanha de perto a situação da comunidade Cruz de Tereza. Ele destacou que vem agindo,

tanto para garantir a titulação definitiva da terra, quanto para que o Dnocs tome providências quanto às invasões e ocupações irregulares no local, a fim de defender a posse desse território.

Em nota, a assessoria de imprensa comunicou que o MPF se reuniu em outubro e na semana passada com inte-

grantes da comunidade quilombola, representantes da UFPB, Incra, Dnocs e da Defensoria Pública Estadual. Os encontros trataram do andamento do processo de demarcação do território, por parte do Incra, e da adoção de providências, pelo Dnocs, para garantir a segurança do território que pertence ao Dnocs.



As famílias que residem na comunidade lutam pela regularização das terras, localizadas no município de Coremas

FIQUE POR DENTRO

■ No Brasil, há 3.451 comunidades remanescentes de quilombos, 42 delas na Paraíba. O levantamento foi feito pela antropóloga Patrícia Pinheiro, coordenadora do Observatório Antropológico da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

■ Segundo ela, essa comunidade ainda é alvo de marginalização e “apagamento” de seus complexos tradicionais. “Dos 42 quilombos certificados pela Fundação Palmares na Paraíba, 32 tiveram seus processos administrativos iniciados, 11 possuem o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) concluídos, um aguarda o final de um dos processos de desapropriação para emitir título definitivo e somente um obteve o título definitivo”. Os dados emitidos pela UFPB foram levantados em parceria com o Incra.



Cruz de Tereza é uma das 42 comunidades remanescentes de quilombos localizadas na Paraíba



Incra confirma impasse legal

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária na Paraíba (Incra-PB) confirmou que existe um impasse para regularização do título das terras do quilombo Cruz de Tereza. O problema, segundo o Instituto, é que o Dnocs afirma que a transferência das terras só pode ser feita por compra, ou por meio da autorização do Congresso Nacional. Para o instituto, estas opções são inaceitáveis.

No caso da compra, o Incra-PB entende que o órgão não pode pagar um terreno a outra autarquia federal, portanto, não caberia ao Incra fazer levantamento de valores para indenizar a própria União. Com

relação à autorização feita por parte do Congresso Nacional, há o temor de a medida demandar muitos anos, uma vez que não se poderia saber quando o tema entraria na pauta, em Brasília.

Para o Incra-PB, a melhor resolução seria o Dnocs passar o direito do título para o Instituto. Depois disso, o Incra passaria a terra para a comunidade.

Sobre as invasões, o Incra-PB informou que não tem poder para interferir nessas ações, já que as terras pertencem ao Departamento Nacional de Obras contra a Seca (Dnocs), ligado ao Ministério do Desenvolvimento Nacional.

“Só o presidente pode resolver”

O coordenador do Departamento Nacional de Obras contra a Seca (Dnocs) na Paraíba, Alberto Gomes Batista, afirmou que as terras pertencem ao órgão, mas ele não tem legitimidade para fazer doação de terra aos quilombolas. “Apesar de eles estarem resguardados pela Constituição, só quem tem legitimidade para fazer essa doação é o presidente da República por meio de decreto.

Alberto Gomes ressaltou que já participou de diversas reuniões com o Incra, representantes dos quilombolas e do Ministério Público Federal.

Ele explicou que as terras de Cruz de Tereza já estão demarcadas, o que falta é a titularidade. “Mas nós não temos competência nem legitimidade de doar”.

Sobre as invasões que estão ocorrendo no quilombo Cruz de Tereza, Alberto Gomes contou que a população da cidade cresceu e isso favoreceu as ocupações. “Mas fizemos a nossa parte. Não temos poder de polícia. Todas as invasões irregulares foram notificadas, e enviadas a nossa AGU. Isso agora está com o Ministério Público Federal”, ressaltou Alberto.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

O homem que intoxicou a burguesia

Meu folheto “Chico Veneno, o homem que intoxicou a burguesia” ganhou o Prêmio Zé da Luz de Literatura de Cordel da Secult/Itabaiana, projeto da Lei Aldir Blanc.

Francisco Almeida Neto, o Chico Veneno, era um rapaz inteligente que morava ao lado de nossa casa. Muito jovem, já criava situações de agitação nas escolas onde estudou. Um carbonário, um sujeito contestador, um libertário bom de discurso e melhor escritor. Fundou um jornal, *Evolução*, onde publicava suas ideias socialistas. Acho que foi o precursor da imprensa engajada de esquerda em Itabaiana. Depois nasceu o jornal “O Combate”, redigido pelo meu pai Arnaud Costa. As intervenções abertas do Chico Almeida deram a ele a fama de agitador. Participava de comícios e outras atividades políticas nos tempos agitados pré-64. Acusado de incitar a baderna e a intolerância, aos olhos dos reacionários da época, foi expulso de muitas escolas. Essa figura tão combativa era, no en-

tanto, frágil no seu interior. Encurralado por seus problemas íntimos, algumas vezes tentou acabar com seu sofrimento, atentando contra a própria vida. Por ter experimentado veneno algumas vezes e escapado, ficou conhecido como Chico Veneno. Ou talvez porque seus discursos inflamados contra o totalitarismo e as injustiças sociais soavam como veneno aos ouvidos dos conservadores de sua cidadezinha. “Todo mundo virava a cara quando ele passava”, testemunha sua prima, Socorro Almeida.

O certo é que o filho de seu Zé de Zino escapou das masmorras da ditadura, voltou a Itabaiana e continuou sua militância política, desta vez em um partido. Passou a defender a bandeira da líder dona Dida, uma corrente política considerada à direita no espectro ideológico do lugar. Mais uma contradição do Chico Veneno, talvez sua penúltima ação autodestrutiva. Depois, enfim teve êxito na tarefa de se suicidar. Partiu para o andar de cima deixando em branco sua

ficha pessoal, porque até hoje ninguém sabe o que provocava nele uma animosidade agressiva contra o mundo, sendo que ele dirigia essa agressividade contra si próprio. Foi um cara que, no fundo, tinha ideais generosos. Era uma figura marcante, que deixou traço indelével na minha geração.

A cultura poética popular nordestina e a escrita ideológica ganham mais um registro na Paraíba, com o lançamento do folheto “Chico Veneno, o homem que intoxicou a burguesia”. Minha escrita cordelesca tem, de certa forma, um compromisso com a descrição das lutas populares em minha terra, como na versificação da vida de Biu Pacatuba, “um herói do povo paraibano”, líder camponês de Sapé, obra ganhadora do Prêmio Patativa do Assaré do Ministério da Cultura.

No cordel “Chico Veneno, o homem que intoxicou a burguesia” se faz presente o discurso ideológico como ingrediente natural, numa perspectiva histórica, denunciando as mazelas do regime auto-

ritário de 64 e os caminhos de Francisco Almeida na arte, no jornalismo e no combate político.

Os dados biográficos são insuficientes, comum nessa prática poética narrativa. O que nos levou a escrever o folheto foi a intenção de assinalar a passagem desse fenômeno histórico que se chama Chico Veneno por minha terra, de onde partiu para levar adiante uma guerra necessária, ‘porém já perdida’.

Meu trabalho sobre o ativista político de Itabaiana, materializado neste folheto e no relançamento do jornal “Evolução”, fundado por Chico, assume, em certo sentido, um caráter educativo, levando ao leitor trechos da memória itabaianense, naquilo que ela contém de mais representativo no campo da luta política e da cultura na história moderna da terra de Pedro Fazendeiro e Leonilla Almeida, dois emblemas da revolução que jamais houve, mas que permanece na consciência social dos povos, em sua dimensão utópica.

Dados pessoais na internet provocam guerra tecnológica

Potências mundiais disputam informações deixadas em redes sociais e aplicativos no que vem sendo chamado de "capitalismo de vigilância"

Márcia Dementshuk
Especial para A União

Sete entre dez adolescentes dos Estados Unidos usam o TikTok, o aplicativo onde é fácil e divertido fazer vídeos para compartilhar com os seguidores (fonte: Piper Sandler). No Brasil, há cerca de 7 milhões de pessoas cadastradas, (GlobalWebIndex, 2020). Uma comunidade gigante ao redor do mundo de pessoas que deixam no app uma fração de si mesmos: imagens, comentários felizes ou tristes, rejeições, atrações... O conjunto dessas informações é a moeda de valor no capitalismo de vigilância e a posse desses dados é disputada pelas potências mundiais na guerra tecnológica.

A empresa-mãe do TikTok é a ByteDance, baseada na China. Metade dos servidores estão nos Estados Unidos e metade na Indonésia. Os dados dos usuários, porém, estão em poder da China.

Em setembro deste ano o TikTok foi alvo do governo

de Donald Trump que, em decreto, determinou que o app deveria ser vendido e controlado por uma empresa estadunidense, com sede nos Estados Unidos, para continuar operando naquele país. O prazo para a negociação era de 45 dias, ou o app seria banido (a Tencent, controladora do WeChat, igualmente chinesa, também era alvo).

A Microsoft apresentou uma proposta, negada pela ByteDance. A Oracle e o Walmart apresentaram outra, que teve a aprovação do presidente Donald Trump. Mas o governo chinês também tem que dar o aval. E não deu. Ocorre que os EUA querem controlar os dados coletados pelo TikTok, o que a China não abre mão. Para Trump, o TikTok representa uma ameaça para o tratado de segurança por coletar dados de estadunidenses que podem ser acessados pelo governo chinês.

Em outubro, a questão piorou. A China aprovou uma lei que restringe exportações



Usuários em todo o mundo deixam informações pessoais na internet através de imagens e comentários: moeda de valor no capitalismo de vigilância



de materiais estratégicos e tecnologia avançada, o que engloba as atividades do TikTok, dificultando a negociação. Os 45 dias passaram e os EUA prorrogaram o prazo do decreto até 27 de novembro. Sem ter sido consumado o negócio, houve nova prorrogação, agora para 4 de dezembro.

A pergunta é: por que tanta disputa por dados? Essa

resposta gira em torno do que está se chamando de "capitalismo de vigilância". É um conceito que está além do capitalismo industrial. E vai além da tecnologia ou da coleta pura e simples de dados pessoais. É uma atividade complexa que está em curso exercida pelas grandes empresas de tecnologias.

Envolve o mercado finan-

ceiro e envolve todos os territórios interligados à internet e que não têm a menor ideia do que se passa; mas opera financeiramente entre poucas empresas e domina politicamente governos do mundo inteiro, pois financia a manutenção/conquista do poder político. Trata-se de moldar os territórios ao bel prazer; manipular, formar brainets

que corroboram e passam a trabalhar para esse sistema, alimentando o capitalismo de vigilância. Quem desenvolve esse tema é Shoshana Zuboff no livro "A era do capitalismo de vigilância", numa tradução livre. Por isso a preocupação do governo dos EUA de que adolescentes estadunidenses, deixam revelações de si mesmo no TikTok.

Informações apontam tendências e embasam propagandas direcionadas

Este é um dos tentáculos da guerra tecnológica. As informações deixadas nas redes sociais, em buscadores de conteúdo, em aplicativos dos mais diversos, são valiosas. Apontam tendências gerais e personalizadas. Analisando esses dados é possível saber se a pessoa está inclinada a viajar, se precisa comprar um eletrodoméstico, trocar de telefone... E dá-se início a uma série de propagandas direcionadas. Mas há algo pior. É possível influenciar ideologicamente a pessoa,

apresentando conceitos e ideias de forma que a pessoa esteja familiarizada. Isso é interessante para manutenção do poder política, por exemplo.

"Redes sociais são devassas, porque são amorais e aéticas", categoriza Anahuac Gil, ativista do movimento software livre, professor, escritor, consultor de TI. "Prefiro ser identificado por 'nerd'. Não há como evitar a vigilância, a não ser que haja uma mudança coletiva; mudança de sistema, de plataforma.

Estar conectado traz vantagens e ameaças."

O processo de controle capitalista industrial está baseado no conceito de monopólio, pelo qual se obtém o maior lucro. Mas o consumidor aprendeu que a diversidade de ofertas é o que garante o seu poder de escolher e, quem sabe, forçar a competitividade de preços, o que poderia reduzir o valor do produto.

Multimarcas

"Isso é uma falácia. As gran-

des empresas criam multimarcas e conseguem passar despercebidas da contraposição capitalista de que a concorrência favorece o consumidor. Inclusive, marcas de um mesmo produto, com faixas de preços diferentes", salienta Anahuac Gil. A Unilever é um exemplo: mais de 400 marcas, às vezes, correspondem a 85% das marcas à venda em um supermercado.

Mais de 2 dólares, a cada 3 dólares gastos em anúncios digitais nos Estados Unidos pa-

ram nos cofres do Facebook, Google e Amazon, de acordo com matéria publicada na Business Insider, em junho de 2019. Todas estadunidenses. Lucro de anúncios no TikTok pagos por estadunidenses vão para a China. Os valores ainda não são polpudos, mas o TikTok é o caçula das redes; ficou disponível nos Estados Unidos e em outros países do mundo em agosto de 2018. Está em franco crescimento, com alta aceitação entre adolescentes e jovens.

Além da influência comercial, dados permitem manipulação ideológica

A sociedade está optando cada dia mais por incorporar a informação a partir de dados em suas mais diversas atividades, conforme observa Cláudio Lucena, professor de Direito na Universidade Estadual da Paraíba, vinculado ao Centro Multiusuário de Estudos Avançados em Políticas Públicas e Governança da UEPB, em Campina Grande.

"Dos juizes de indicação criminal, a serviços públicos, modelos de negócios, diplomacia, comércio, educação... Na economia existente hoje, não há como sair dos olhos da vigilância. As plataformas usam

como insumos básico os nossos comportamentos. O Facebook mantém 5 mil pontos de contato em média. O que é isso: a pessoa que usa essa rede está sendo observada em mais de 5 mil aspectos - sua localização, o tempo de visualização no post, se clica ou passa direto, se compartilha quantas pessoas interagiram, e por aí vai...", ressalta Cláudio Lucena.

Venda de ideias

O passo seguinte à influência comercial, alerta o professor, é a manipulação ideológica, "a venda de ideias,

de um candidato político... O capitalismo encontrou nessa conformação o ambiente ideal para evoluir."

Criador da web, Berners-Lee lança plataforma onde usuários dominam seus dados, Cláudio Lucena destaca a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais no Brasil, a LGPD, um avanço na política de propriedade dos dados pessoais. O problema é a anuência do usuário obtida pelas plataformas através da aceitação da política de uso de dados e permitem que a vigilância seja feita, caso contrário ficam sem

acesso ao "brinquedinho".

Mas há uma luz fora do panóptico. Cláudio Lucena recomendou conhecer o projeto Solid, ("Social Linked Data" - "Dados de Ligação Social" - solidproject.org) coordenado pelo co-criador da World Wide Web, o "www", Tim Berners-Lee. É uma proposta para um novo estágio da Web.

"O Solid permite que as pessoas armazenem seus dados com segurança em armazenamentos de dados descentralizados chamados Pods. Os pods são como servidores da web pessoais seguros para

dados. Todos os dados em um pod podem ser acessados por meio do protocolo sólido. Quando os dados são armazenados no pod de alguém, eles controlam quem e o que pode acessá-los." Desenvolvedores e criadores de sites podem agregar aos sites e os dados compartilhados pelos usuários desses sites são definidos pelo próprio usuário.

Recentemente foi lançada a versão corporativa Solid Server, que gerencia os Pods pela possibilidade de criar aplicações compatíveis com a tecnologia.

Núcleo busca soluções para o meio ambiente

Pesquisadores da PB trabalham em projetos de reciclagem e biocombustíveis e para melhorar a qualidade do ar e da água

Renato Félix
Especial para A União

Os desafios para a preservação e recuperação do meio ambiente são grandes e, por mais que se discuta e que fóruns globais sejam realizados, parecem cada vez mais difíceis de serem superados. A ciência tem papel importante nessa equação, desenvolvendo soluções que possam ser aplicadas na prática por governos e empresas. O Núcleo de Excelência de Pesquisas Ambientais (Nepam) trabalha em diversos projetos nesse sentido. É quase uma força-tarefa que envolve pesquisadores da UFPB, UFCG, IFPB e UEPB.

O núcleo reúne professores de vários departamentos das universidades envolvidas. “Esse é um trabalho desenvolvido por diversos professores de departamentos como Química, Materiais, Mecânica, do CTDR (Centro de Tecnologia e Desenvolvimento Regional), de Energias Renováveis”, enu-

mera a professora Ieda Maria Garcia dos Santos, professora da UFPB, com mestrado e doutorado em Química e pós-doutorado pela University of Aberdeen, na Escócia. Ela falou sobre o Nepam no programa Ciência & Ação, no canal da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (FapesqPB) no YouTube (<https://rb.gy/zmifkv>).

O Nepam trabalha com o foco no crescimento sustentável, com duas vertentes: remediação ambiental e combustíveis alternativos. O objetivo é contribuir para a melhoria na qualidade do ar e da água e na busca da inovação para a indústria nesse sentido.

“Dentro dos meios aquáticos, a ideia de remediação ambiental vem no sentido de reduzir os poluentes que estão ali nesses ambientes”, conta a professora. “A gente utiliza duas metodologias: fotocatalisadores e materiais adsorventes”.

Parte do grupo trabalha

com resíduos sólidos, com reciclagem de lâmpadas fluorescentes e de resíduo de caulim, e com co-processamento de resíduos pela indústria de cimento na Paraíba. Quem desenvolve os combustíveis alternativos, trabalha com biodiesel, bioetanol, bioquerosene e células combustíveis.

Um dos projetos desenvolvidos pelo Nepam é a modificação de bentonita para a adsorção de diclofenaco. Diclofenaco é um anti-inflamatório bastante usado para tratar contusões e lesões. “O problema é que, se tem muita gente tomando, de alguma forma isso vai parar no esgoto”, explica. “É considerado um contaminante emergente. Porque antes ele não era considerado, mas, à medida que a população mundial foi aumentando, e o uso do produto foi aumentando, começou a se detectar a presença desse anti-inflamatório nos rios. E isso começa a afetar a flora e fauna aquática”.

Matéria-prima da bentonita é encontrada no Estado

A bentonita, por sua vez, é uma mistura de argilas, uma matéria-prima que se encontra na Paraíba. “Os professores pegam uma molécula orgânica e inserem dentro da estrutura dessa argila”, conta a professora. O resultado é alterar a propriedade das argilas para que elas adsorvam o diclofenaco: que ele grude na argila e, assim, possa ser retirado da água.

Da mesma forma, outro teste muda a propriedade da bentonita para a adsorção de corantes de indústrias têxteis, que seriam jogados em rios. “E a gente pode usar essa argila depois como um pigmento. Para pintura, por exemplo, de parede, de tecidos, de quadros”, diz Ieda Santos.

Na UFCG, um dos focos é a reciclagem de vidros. “A professora Crislene Moraes trabalha muito com a comunidade de catadores”, conta Ieda Santos. “E ela percebeu que tinha muito vidro chegado. Então não adianta catar, a gente tem que reutilizar esse vidro”. Ela desenvolveu duas linhas de trabalho diferentes. Em uma, o vidro é novamente fundido para que se transforme em obras de arte. Em outra, ele é incorporado em massa cerâmica. “Que pode ser utilizada depois, por exemplo, em louça sanitária”.

Outro trabalho, já publicado, é de Sandro Marden Torres, com colaboração da fábrica de cimentos Elizabeth e junto com a universidade de Edimburgo, na Escócia. “É muito comum você ter co-processamentos. Você pega materiais e coloca no processo de queima na fábrica e isso gera elementos contaminantes que podem alterar a propriedade do cimento. Eles estão estudando para que a queima desse combustível alternativo não piore a qualidade do cimento”, conta a professora.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ET Eunápio Torres
6º SERVIÇO NOTARIAL E 2º REGISTRAL

EDITAL DE INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE

INTIMA: LUCIANA DE SOUZA LIMA
INTIMA: JOSÉ CARLOS DA SILVA MENDONÇA

Dra. MARIA EMILIA COUTINHO TORRES DE FREITAS, Oficial do Cartório de Registro de Imóveis da Zona Norte, seguindo as atribuições conferidas pelo Art. 26 da Lei 9.514/97, bem como pela credora do Contrato de Financiamento Imobiliário nº 10112570 série 2014, registrado na matrícula nº 68.066, com Alienação Fiduciária, referente ao imóvel tipo: APARTAMENTO SOB N.º 404, DO EDIFÍCIO RESIDENCIAL BRISA MAR SUL, SITUADO À RUA RADIALISTA ANTONIO ASSUNÇÃO DE JESUS, N.º 680, ESQUINA COM A RUA ADM. JOSÉ DA SILVA PERUCCI, NO BAIRRO CIDADE UNIVERSITÁRIA, JOÃO PESSOA/PB, venho intimar os Senhores LUCIANA DE SOUZA LIMA e JOSÉ CARLOS DA SILVA MENDONÇA, para fins de cumprimento das obrigações contratuais que se encontram vencidas, sujeitas à atualização monetária, aos juros de mora até a data do efetivo pagamento e as despesas de cobrança, somando-se também, os encargos que vencerem neste período. Assim, procedo a INTIMAÇÃO de Vossas Senhorias, para que se dirijam a este Cartório Eunápio Torres, situado na Rua Comendador Renato Ribeiro Coutinho, nº 300, Atipiano Cabo Branco, nesta capital, onde deverão efetuar a purga do débito, no prazo improrrogável de 15 (quinze) dias, contados a partir da data desta publicação. Na oportunidade, ficam Vossas Senhorias certificadas que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação da propriedade do imóvel em favor do credor fiduciário - BANCO PAN S/A - nos termos do Art. 26 § 7º da Lei 9.514/97. Eu, (f) Leonardo Santos do Nascimento, o digital. João Pessoa, 19 de novembro de 2020.

Edital de Convocação de Assembleia Geral Extraordinária - Presidente da Federação Paraibana de Voleibol, com fulcro nos estatutos em vigor, CONVOCA a Assembleia Geral Extraordinária da FPV para reunir-se às 18:00 horas do dia 21 de Dezembro de 2020, em primeira convocação e meia hora após em segunda convocação, na sede da Federação Paraibana de Voleibol situada a Rua João Bernardo de Albuquerque nº 99 Salas 203 e 204 bairro Tumbia João Pessoa, para deliberar sobre a seguinte ordem do dia: eleger Presidente e Vice Presidente da FPV para o quadriênio março de 2021 a março de 2025. As chapas concorrentes devem ser registradas no período das 08:00 às 12:00 hs dos dias de 07 a 10 de Dezembro de 2020, no endereço acima - Carlos Fernandes de Lima Filho - Presidente.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ET Eunápio Torres
6º SERVIÇO NOTARIAL E 2º REGISTRAL

Titular: Belª Maria Emília Coutinho Torres de Freitas

EDITAL DE INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE

Dra. MARIA EMILIA COUTINHO TORRES DE FREITAS, Oficial do Cartório de Registro de Imóveis da Zona Norte, seguindo as atribuições conferidas pelo Art. 26 da Lei 9.514/97, bem como pela credora do Contrato de Financiamento Imobiliário nº 0862172-1, registrado sob o nº 3/4, na matrícula nº 54.991, com Alienação Fiduciária, referente ao imóvel tipo: APARTAMENTO SOB N.º 801, DO EDIFÍCIO ILHA DE PATMOS, SITUADO À AVENIDA MONTEIRO DA FRANCA, N.º 1.480, NO BAIRRO DE MANAIRA, JOÃO PESSOA/PB, venho intimar os Senhores GIDEVALDO FARIAS DE LIMA e MARCIA GOMES SANTOS LIMA, para fins de cumprimento das obrigações contratuais que se encontram vencidas, sujeitas à atualização monetária, aos juros de mora até a data do efetivo pagamento e as despesas de cobrança, somando-se também, os encargos que vencerem neste período.

Assim, procedo a INTIMAÇÃO de Vossas Senhorias, para que se dirijam a este Cartório Eunápio Torres, situado na Rua Comendador Renato Ribeiro Coutinho, nº 300, Atipiano Cabo Branco, nesta capital, onde deverão efetuar a purga do débito, no prazo improrrogável de 15 (quinze) dias, contados a partir da data desta publicação. Na oportunidade, ficam Vossas Senhorias certificadas que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação da propriedade do imóvel em favor do credor fiduciário - BANCO BRADESCO S/A - nos termos do Art. 26 § 7º da Lei 9.514/97. Eu, (L) Leonardo Santos do Nascimento, o digital. João Pessoa, 06 de outubro de 2020.

Atenciosamente,
Oficial do Registro de Imóveis
Eunápio Torres - Serviço Notarial e Registral

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARÁIBA
Avenida João Cirilo da Silva, 221
ATIPLEX José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Atipiano Cabo Branco - CEP: 580-46-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3254-5999

3º FESTIVAL DE MÚSICA DA PARAÍBA

Ao vivo no Youtube (/funescpbgov), Rádio Tabajara e nas redes sociais - às 20h

Instagram, Facebook, YouTube icons

ELIMINATÓRIAS

04 e 05 de dezembro

GRANDE FINAL

06 de dezembro

Logos of participating institutions and the state of Paraíba.



Foto: Arquivo de família



Arte: Tônio

Crises sanitárias seculares e seus impactos sociais na PB

Epidemias como as de varíola, sífilis e cólera também trouxeram mudanças nas políticas públicas e nos hábitos da população

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

As pandemias, epidemias, endemias, surtos estão inseridas num conjunto de gatilhos responsáveis por uma série de mudanças nas relações humanas do dia a dia de cidades, estados, regiões e do mundo. Nesse contexto, a Paraíba também vivenciou crises sanitárias que resultaram em muitas mortes. Mas, esses tempos difíceis deixaram ainda outras marcas, como a necessidade de criação de alas especiais para atender os doentes e mudanças de comportamento social que, assim como ocorre hoje com a pandemia da covid-19, vieram para ficar.

"Ao longo da história da Paraíba, vivemos muitas crises sanitárias que remontam ao período colonial, com a chegada dos portugueses. As doenças matavam os mais vulneráveis, os indígenas. A varíola foi uma delas e não se restringiu a essa época, voltando a ocorrer no período imperial e durante a República. Na Paraíba, foram registrados inúmeros surtos", relatou Azemar Soares Júnior, professor de História no Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), especialista no assunto.

Segundo ele, embora existisse vacina no século 19, as pessoas tinham medo e não se imunizavam. Políticos chegavam a fazer demonstrações públicas, iam para as ruas mostrar como se vacinar, levavam até seus familiares como forma de incentivar a população, mas não fazia muito efeito. Já para a febre amarela, entre 1850 e 1851, não havia vacina, medicação ou tratamento. Na época, as pessoas achavam que a transmissão acontecia de uma pessoa para outra, e só no século 19 descobriu-se que era transmitida por um mosquito.

Em 1856 e 1862, a Paraíba viveu uma das maiores epidemias - a de cólera-morbo, transmitida pela água - com mais de 25 mil mortes. "Muita gente se infectou e adotou-se uma política de proteção com a criação de um hospital de quarentena na Ilha da Restinga. Navios que chegavam ficavam apertados cumprindo quarentena para poder serem liberados. Mesmo assim, a doença entrou na Capital pela antiga região de Taquara, hoje Monteiro. Foi devastadora, especialmente em Pilar, Guarabira, Mamanguape, Bananeiras, Campina Grande, João Pessoa", afirmou o historiador.

Conforme Azemar, em termos sanitários, a Paraíba não tinha uma política de estabelecer longevidade e cuidar da saúde da população. Havia apenas uma inspetoria de higiene que funcionava durante as epidemias. O número de médicos era pequeno e muitos que atuavam como profissionais, inclusive estrangeiros,

não tinham nenhuma formação.

No início do século 20, ocorreram duas grandes epidemias, uma em Campina Grande, em 1912, de peste bubônica, e a outra em 1918, de gripe espanhola, que atingiu os cinco continentes. Em 1919, o presidente da República, Francisco de Paula Rodrigues Alves, morreu vítima da gripe espanhola.

Todas essas epidemias tiveram em comum a adoção de um isolamento e uma quarentena. Todos deviam ficar em casa. Havia fiscais para observar se alguém saía das casas, e eles anotavam se alguém ficava doente, se alguém saía, se havia morte. O documento era entregue ao prefeito ou chefe de saúde. Em caso de doença ou morte, a família seguia para isolamento hospitalar. As pessoas deviam desinfetar as ruas e as casas com material de limpeza, incenso e até perfume.

"Isso faz com que a gente pense, especificamente, acerca do que estamos vivendo com a pandemia de 2020, porque adotamos esse mesmo modelo médico e político de quarentena, devidamente atualizado ao nosso tempo. Hoje, a quarentena fez com que as pessoas ficassem em casa e se comunicassem através das redes sociais, uso de internet", observou. A ideia é sair apenas se for essencial, como comprar alimentos e remédios, e a diferença é que não há fiscais, só médicos nos hospitais.

Quanto ao comportamento das pessoas, não se sabe se todas seguiram as recomendações. Em 1918, na epidemia da gripe espanhola, havia a orientação do serviço de higiene, que era o órgão de saúde, para ficar em casa, usar máscara quando saísse, procurar ajuda médica, comprar medicamentos. Porém, não havia uma política do governo para auxiliar a população. Quem ficava à frente era a Igreja Católica. Padres e grupos vinculados à Igreja criavam os locais de socorro, recolhendo medicamentos, roupas, alimentos para a população pobre e mais vulnerável.

"Isso faz com que a gente pense que temos hoje uma grande população vulnerável, que mora na rua, idosos, quem vivem em abrigos, asilos. Têm maior contato com o vírus. Temos um governo que minimiza os dados da covid-19, não faz investimentos e, além de tudo, ainda faz chacota acerca da pandemia. Adota um modelo de necropolítica, sem interesse na população que está adoecendo, nem na aprovação de uma vacina, nem numa política de estado que invista na prevenção como a utilização de máscara, o prolongamento da quarentena", comentou Azemar. Na opinião do historiador, faltam medidas de biopolítica.

+ Institucionalização da saúde pública

As crises sanitárias que impactaram e interferiram nas relações humanas foram muitas ao longo da história. Na década de 1920, segundo o historiador Rafael Nóbrega, mestre em História pela UFCG, houve uma grande mobilização da opinião pública em torno das questões de saúde pública. O Brasil era considerado um imenso hospital lotado de pacientes com malária, verminoses, febre amarela, doença de Chagas. A situação levou à criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP).

"Os primeiros serviços de saúde pública institucionalizados na Paraíba podem ser vistos como um impacto social ocasionado pelas doenças", comentou o historiador Rafael Nóbrega. Uma das iniciativas, nesse caso, foi a criação dos dispensários antivenéreos. Em sua pesquisa de mestrado, ele analisou os discursos médicos no combate à sífilis na Paraíba entre 1920 e 1940. A doença era chamada pelos médicos como 'terrível flagelo da humanidade'. Os profissionais afirmavam que ela provocaria degeneração da raça, que seriam gerados seres aleijados, deformados e degenerados.

Em 1920, foi criada no Rio de Janeiro a Inspeção de Profilaxia da Lepra e Doenças Venéreas. O tratamento acontecia em dispensários antivenéreos instalados em locais de fácil acesso, mas o mais discretos possível, pois havia o estigma social da sífilis, o que prejudicava os doentes de continuarem com o tratamento.

Na cidade da Parahyba do Norte, hoje João Pessoa, o primeiro dispensário antivenéreo foi instalado em 1921; em 1923, foi inaugurado um Dispensário Antivenéreo em Cabedelo e, no mesmo ano, em Campina Grande. As cidades foram escolhidas por serem os lugares mais infectados pela sífilis.

Em 1938, foi inaugurado um Dispensário Noturno Antivenéreo em João Pessoa. O público eram as pessoas que trabalhavam durante o dia. No local, eram feitas desinfecções gratuitas para quem tivesse relações sexuais por um período de até 6 horas. O horário da noite se tornou conveniente para essa finalidade. Outros municípios também receberam o serviço posteriormente.

Uso do preservativo

Na década de 1980, por exemplo, foi a epidemia do HIV/Aids que contrariou, na época, a certeza dos cientistas de que as doenças que acometiam o ser humano haviam sido controladas. Milhares de vidas foram ceifadas naquele tempo. Desde então, o uso do preservativo passou a ser incentivado para evitar uma das formas de contaminação, que é pela relação sexual (naquela época alguns contrairam o vírus por transfusão de sangue). Até hoje, ainda não se encontrou a cura completa para exterminar o vírus do organismo, mas já há tratamentos/ medicamentos que baixam, tanto a carga viral do paciente que a mesma chega a ficar indetectável.

Foto: Arquivo do jornal A União



O jornal A União de 22 de dezembro de 1938 noticia o funcionamento do "Dispensário Noturno Anti-venéreo", localizado na Rua Tenente Retumba, na capital, voltado ao tratamento e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, especialmente, a sífilis; segundo a matéria, a unidade é a primeira pública e gratuita para tal fim no país, e está dentro das "realizações médico-sociais" do governo do interventor Argemiro de Figueiredo

UMA DAS MAIORES "PESTES" DO SÉCULO 20 CHEGA AO ESTADO

■ No século 20, a tuberculose matou um grande número de pessoas na cidade da Parahyba do Norte. De 1909, quando foi criado o Serviço de Demografia Sanitária no estado, até 1922, das 13.732 pessoas que faleceram na cidade (13,9%), 1.922 foram vítimas da tuberculose. As informações estão na edição do jornal A União de 07 de agosto de 1923. Para o tratamento, foram criados Dispensários Antituberculosos que buscavam ensinar hábitos higiênicos aos tuberculosos e seus familiares para evitar a propagação da doença. Na década de 1930, foi criada a Liga Parahybana Contra a Tuberculose e, em 1937, houve a Semana da Tuberculose.

"A falta de condições higiênicas de habitação, alimentação precária, trabalho insalubre contribuíram para tornar a tuberculose uma das, se não a maior, peste do século 20. Mesmo com a descoberta da estreptomina, a tuberculose continua a ser um problema social agravado pela crescente resistência bacilar verificada nos doentes e pelo aprofundamento das desigualdades sociais no contexto da globalização no mundo capitalista. A tuberculose continua a ser a doença que mais mata no mundo inteiro", completou Rafael Nóbrega.

Joselito Lucena

O “voz de ouro” da radiofonia esportiva paraibana

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Joselito Pereira de Lucena, Joselito Lucena ou apenas Zelito, como era carinhosamente chamado por familiares e amigos, não foi apenas um narrador de incontáveis partidas de futebol ou um radialista de sucesso. Ele foi, simplesmente, um dos melhores do país, um ícone do jornalismo esportivo e, em 62 anos de profissão, colecionou não só prêmios, mas admiradores e reconhecimento à sua dedicação e desempenho profissional. O baiano de Jacobina que adotou Campina Grande como lar faleceu no dia 4 de fevereiro de 2011. A voz de ouro da radiofonia esportiva paraibana, como era conhecido, silenciou.

Nascido em 1935, Zelito foi para Campina Grande aos oito anos. Por volta de 10, 11 anos, começou a visualizar as primeiras movimentações a respeito de rádio, as difusoras que tocavam música e publicavam anúncios comerciais. Só depois foram surgindo as rádios Cariri e Borborema, entre 1948 e 1949, e a Caturité, em 1950, onde ele assinou contrato aos 15 anos de idade, seu primeiro emprego formal no rádio. Em 1956, tornou-se repórter de campo.

Foi disc-jôquei, discotecário, radioator, comentarista, noticiarista e, em 1962, foi chamado para a Rádio Borborema, dos Diários Associados, que havia chegado com novas tecnologias e começava a despontar no Nordeste. Em 1964, recebeu prêmio de melhor locutor esportivo.

Depois do primeiro prêmio, ele colecionou, em mais de seis décadas de trabalho, todos os títulos de melhor locutor esportivo. Em 2005, recebeu a Medalha Assis Chateaubriand, que é o maior destaque de premiação recebido por Zelito. Permaneceu na Rádio Borborema até 1989, quando retornou para a Rádio Caturité, onde tudo começou onde permaneceu até 2011.

Convites do Sul

“Voinho dedicou a vida inteira ao rádio. Foi o único locutor, na Paraíba, com tanto tempo exercendo uma única profissão no rádio”, contou o historiador Jilton Lucena, neto de Zelito. Apaixonado pela família e por Campina Grande, o radialista recebeu convite de emissoras do Nordeste e Sul do país, mas recusou todos. Rodou o Brasil inteiro, chegou a narrar a Copa América no Chile, Uruguai, mas sempre fugia dos convites das rádios para não ser indelicado. Recusou até da Rádio Globo.

“Falando como neto, voinho era uma figura muito engraçada, bem humorado, carismático, falava com todo mundo. Eu, pequeno, não entendia esses fãs que ele tinha em Campina Grande. Andando com ele, pegado na mão, no Centro, eu não entendia quando as pessoas cumprimentavam. Só depois de grande fui compreender a relevância do nome dele para o rádio de Campina Grande. Foi uma pessoa que fez muito por nós, dava a vida pela família e esse também foi um dos fatores que não o deixou sair de Campina”, relatou Jilton.

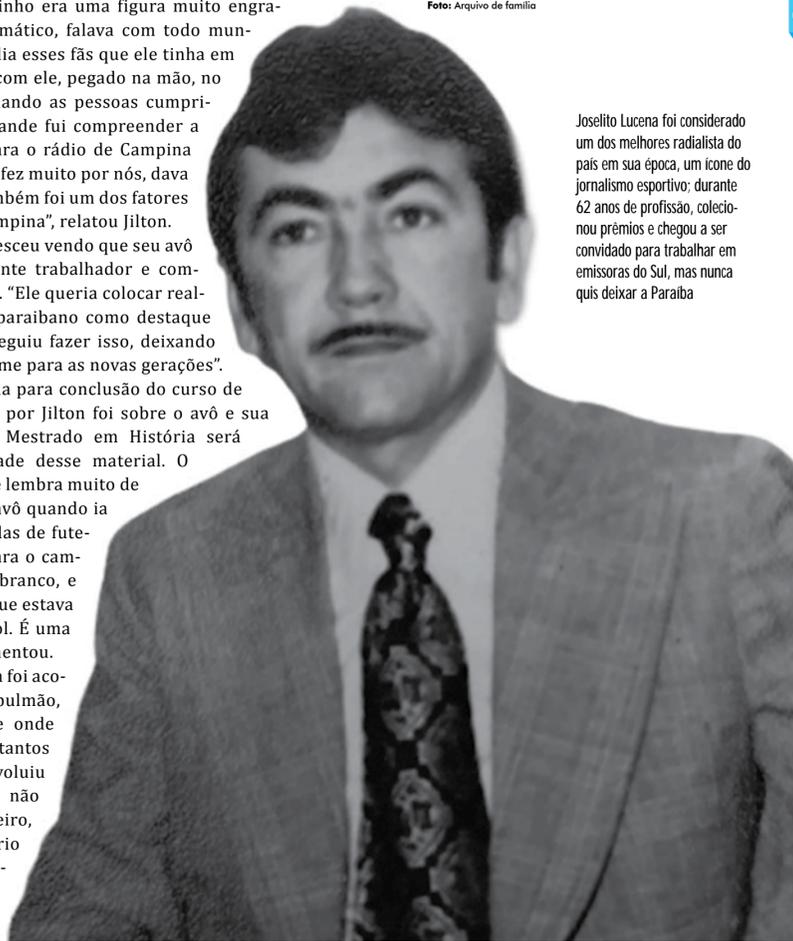
Jilton disse ainda que cresceu vendo que seu avô era um homem extremamente trabalhador e comprometido com seus ideais. “Ele queria colocar realmente o rádio paraibano como destaque do país. E conseguiu fazer isso, deixando um legado enorme para as novas gerações”.

A monografia para conclusão do curso de História escrita por Jilton foi sobre o avô e sua dissertação de Mestrado em História será uma continuidade desse material. O neto contou que lembra muito de acompanhar o avô quando ia narrar as partidas de futebol.

“Lembro muito de ir para o campo com ele, num Chevette branco, e ficar na cabine, simulando que estava narrando um jogo de futebol. É uma lembrança muito forte”, comentou.

Em 2010, Joselito Lucena foi acometido por um câncer de pulmão, ironicamente, o pulmão de onde tirava fôlego para narrar tantos jogos. Depois, a doença evoluiu para uma metástase e ele não resistiu. No dia 4 de fevereiro, próximo ao meio dia, horário do programa Antena Esportiva, que ele apresentou por muitos anos na Rádio Caturité, ele se foi.

Foto: Arquivo de família



Joselito Lucena foi considerado um dos melhores radialista do país em sua época, um ícone do jornalismo esportivo; durante 62 anos de profissão, colecionou prêmios e chegou a ser convidado para trabalhar em emissoras do Sul, mas nunca quis deixar a Paraíba

+

Fotos: Arquivo de família



O radialista Joselito Lucena (nas duas fotos) nasceu na Bahia, mas se radicou na Paraíba; ele recebeu o título de cidadão campinense nos anos 70

Legado profissional para seus discípulos

Joselito teve quatro filhos, mas apenas o mais velho, Rostand Lucena, seguiu os passos do pai e é conhecido como “filho do mestre”. “Meu pai foi um dos ícones do rádio paraibano e campinense, um extraordinário locutor esportivo. Era dono de uma voz ímpar e tinha uma narração de futebol precisa, em cima do lance, irretocável. Para muitos, foi o melhor locutor de rádio campinense de todos os tempos. Foi um comunicador que atravessou gerações, sempre se mantendo na liderança de audiência em qualquer rádio que fosse. Era professor para a maioria dos que hoje fazem jornalismo esportivo em Campina Grande”, declarou.

Zelito, segundo Rostand, deixou um grande legado para o rádio de Campina Grande, capacitando muita gente profissionalmente. O radialista Adalberto Alves foi um deles. “Eu comeci minha carreira como narrador de futebol, em 1975, e ele foi me orientando. Tenho 46 anos de imprensa e tudo devo a Zelito, que me colocou no rádio, fez com que eu tivesse uma trajetória da qual me orgulho. Foi o maior narrador

de todos os tempos. Seu nome é inconfundível”, disse ele, que hoje é proprietário da Rádio Bola de Ouro. Adalberto e Zelito trabalharam juntos de 1975 a 2011.

De acordo com Rostand Lucena, a primeira vez que seu pai falou no rádio foi para dizer a hora certa, mas ele fez de tudo um pouco, passando por radionovela, apresentação de programas jornalísticos, artistas de auditório na Rádio Borborema, onde viveu o ápice de sua carreira. Era apaixonado pela profissão, um entusiasta. Cada transmissão parecia ser a primeira. Fazia por amor e com amor”, disse.

Dedicação

Zelito adorava um bom papo entre família e amigos, sempre regado a uma cerveja, algo de que ele não abria mão. “Foi uma pessoa que viveu intensamente cada momento, com entusiasmo de criança, contando histórias do futebol. Graças a Deus, ele teve o trabalho reconhecido ainda em vida. Ganhou todos os prêmios como locutor esportivo de Campina Grande. Nos anos 70,

recebeu o título de cidadão campinense. Foi agraciado com medalha de honra pela Assembleia Legislativa”, disse Rostand.

Como profissional, era exigente consigo mesmo e os colegas, sempre buscando a perfeição. “Fora do ar e com a família, era um homem sempre de bem com a vida. Sorridente, brincalhão, um pai amável, adorável, sonhando com o melhor para sua família. As lembranças que tenho dele são as melhores possíveis. Tive o privilégio de trabalhar com um dos melhores locutores esportivos do país, aprender a cada transmissão, no dia a dia ao lado do meu pai, companheiro, o melhor amigo, uma pessoa fantástica”, declarou.

Numa das viagens a trabalho, Zelito e Rostand passaram 22 dias juntos na cobertura da Copa América, no Uruguai. “Ali eu pude curtir um pouco mais a presença do pai, porque sai de casa muito cedo. São lembranças que jamais serão esquecidas. Se a gente tivesse consciência de que a vida é curta, saberíamos aproveitar um pouco mais cada segundo”, completou o filho.

SAIBA MAIS

■ Joselito contribuiu para o surgimento do Estádio Amigão, o Ernany Sátiro. Ele lançou a campanha ‘Campina precisa de um estádio’, e o governador da época atendeu ao pedido. Hoje, o estacionamento do Estádio Amigão foi batizado com o nome de Joselito Pereira de Lucena.

■ Na década de 80, chegou a ser presidente da Associação dos Cronistas Esportivos Campinense (ACEC), da qual foi um dos fundadores.

■ O ginásio poliesportivo no bairro Presidente Médici, em Campina Grande, ganhou o nome de Ginásio Esportivo Radialista Joselito Lucena.

■ A equipe esportiva da Rádio Caturité tem o seu nome, por indicação dos próprios colegas.

■ Joselito Lucena é nome da sala de esportes do Renatão e da sala de imprensa do time Campinense.

(Com informações do historiador Jilton Lucena)

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

E o vencedor é... o Jornalismo!

A Associação Nacional de Jornais (ANJ) divulgou, há poucos dias, o vencedor do Prêmio ANJ de Liberdade de Imprensa 2020. Ao contrário das últimas edições, quando o premiado era uma personalidade ou instituição que havia se destacado no campo da liberdade de imprensa, a ANJ decidiu homenagear a própria atividade jornalística este ano. O motivo: “A atuação dedicada e corajosa em defesa da democracia, das liberdades, da verdade e da pluralidade de pensamento”.

Conforme a ANJ, as condições adversas da pandemia de covid-19 atingiram em cheio o exercício diário do jornalismo bem como tantas outras atividades. “Mesmo trabalhando em casa, longe do ambiente rico das redações, editores e repórteres prosseguiram cum-

prindo sua missão. Todo o restante da indústria também se adaptou e levou as informações à sociedade, no impresso e no digital”, pontua Marcelo Rech, presidente da ANJ.

A premiação deste ano se justifica ainda mais, ressalta a entidade, porque “o esforço pelo jornalismo de qualidade enfrenta um ambiente em que se cultiva a desinformação como instrumento de política e crescem os ataques, físicos ou virtuais, aos profissionais da imprensa”.

Criado com o objetivo de homenagear pessoas ou instituições que tenham se destacado na promoção ou na defesa da liberdade de imprensa, ou cuja atuação demonstre a importância fundamental da liberdade de imprensa para a sociedade e para as democracias,



Foto: Divulgação

meus amigos: parabéns! Esse prêmio também tem muito de suas dores, medos, esforços e alegrias! Um grande viva para todos vocês!

E por falar em pandemia

O curso “Jornalismo na pandemia: Cobertura da COVID-19 agora e no futuro”, do Knight Center, agora está disponível como um curso autodirigido em seis idiomas: árabe, russo, inglês, espanhol, português e francês.

Os cursos autodirigidos contam com videoaulas, leituras e entrevistas com especialistas e estão disponíveis para qualquer pessoa que deseje acessar os materiais. Os jornalistas que se inscreverem irão adquirir novos conhecimentos e acesso a recursos para melhorar sua cobertura e compreensão da pandemia. Acesse o link para saber mais: <https://journalismcourses.org/coursecat/journalism-in-a-pandemic/>.

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Carmen Miranda - A brasileira mais famosa do século 20

MARIA DO CARMO MIRANDA DA CUNHA, artisticamente conhecida como Carmen Miranda, foi uma cantora e atriz brasileira, de nacionalidade portuguesa, nasceu em Marco de Canaveses, no Distrito de Porto, Portugal, no dia 9 de fevereiro de 1909. Filha do barbeiro José Maria Pinto Cunha e de Maria Emília Miranda, em 1910, com apenas dez meses de idade, junto com sua mãe e sua irmã Olinda, veio para o Brasil, onde seu pai já morava.

Carmen Miranda foi criada no Rio de Janeiro, no bairro da Lapa, estudou em colégio de freiras e aos 15 anos largou os estudos e começou a trabalhar na La Femme Chic, uma confecção de chapéus, localizada no centro do Rio de Janeiro, onde estudou moda e aprendeu a costurar, pegando o gosto pelos turbantes, que viraram sua marca registrada.

Sonhando em ser atriz e cantora, nas horas vagas, cantava e dançava para animar pequenas festas. Em 1929, foi apresentada ao compositor José de Barros que logo a levou para se apresentar em teatros e clubes. Estreou como cantora na Rádio Sociedade. Gravou seu primeiro disco com as músicas “Triste jandaia” e “Iaiá, Ioiô”.

Seu grande sucesso veio com a marcha-canção “pra você gostar de mim” (1930), que ficou conhecida por “Tal”, escrita especialmente para ela pelo famoso compositor e médico Joubert de Carvalho. A canção foi um sucesso e o disco vendeu 35 mil cópias no ano de lançamento, se consagrando como recorde de vendas para a época. Carmen Miranda era então aclamada pela crítica como “a maior cantora do Brasil”.

No dia 30 de outubro do mesmo ano, Carmen

Miranda já estava fazendo sua primeira turnê internacional em Buenos Aires, na Argentina. Em 1933, foi a primeira mulher a assinar um contrato com uma rádio. Entre 1933 e 1938, retornou à Argentina mais oito vezes. Carmen lançou outros discos e se transformou na principal estrela do Cassino da Urca no Rio de Janeiro. As apresentações no cassino funcionavam como passaporte para o ingresso no mundo do cinema.

Com o crescente sucesso na indústria fonográfica, lhe garantiu um lugar nos primeiros filmes sonoros lançados nos anos 1930. Carmen Miranda participou de cinco musicais carnavalescos lançados nesse período como “Alô, alô Brasil” (1935) e “Alô, alô carnaval” (1936). Em 1939, ela apareceu pela primeira vez caracterizada de baiana, personagem que a lançou internacionalmente, no filme “Banana da terra”, dirigido por Ruy Costa. O musical apresentava clássicos como “O que é que a baiana tem?”, que lançou Dorival Caymmi no cinema.

Dos 21 anos aos 29 anos, entre 1930 a 1939, Carmen Miranda foi a maior estrela do disco, do rádio, do cinema, dos palcos e dos cassinos brasileiros e americanos. Recordistas em gravações, vendas, cachês, salários e, principalmente, em amor. Era adorada pelo público, respeitada pelos colegas, disputada pelos veículos de imprensa, desejada pelos homens. Até, então, nenhuma outra mulher fora tão famosa na história do Brasil. Com a pequena notável o samba se tornou a língua falada do país, e o carnaval, o golpe mortal naquela história do brasileiro ser produto de “três raças tristes”. Se era, deixou de ser assim que Carmen descobriu a alegria brasileira. Aos 30 anos

recém feitos, em 1939, rica, bonita e independente, Carmen se quisesse, poderia ter se aposentado e escolhido um marido e se recolhido a um palacete na Urca.

Em 1939, Lee Shubert, empresário e produtor teatral norte americano, presidente da Shubert Theatrical Enterprises (atual The Shubert Organization) que administra metade dos negócios da Broadway, ofereceu a Carmen Miranda um contrato de oito semanas para se apresentar em “The streets of Paris”, depois de vê-la no Cassino da Urca, no Rio de Janeiro. Convidada, Carmen resolveu ir para a meca do show business americano.

Disposta a trilhar naquele que sem sombra de dúvidas era o mercado mais disputado do mundo, em se tratando dos shows artísticos. Com isto, ganhou fama, dinheiro, difundiu moda, mas perdeu a sua vida nesse turbilhão de shows, cinema e apresentações dos mais famosos cassinos e teatros do mundo, se apresentando gloriosamente em Londres, Cuba, Hong Kong, França e toda Europa. Em sua noite de estreia numa revista musical da Broadway, poucos dias depois de chegar, levou apenas 6 minutos para se tornar um dos nomes mais aclamados do show business nos EUA. No ano seguinte, ela fez sua estreia no cinema estadunidense no filme “Serenata tropical”, ao lado de Don Ameche e Betty Grable.

Naquele ano, Carmen foi eleita a terceira personalidade mais popular dos Estados Unidos, e foi convidada para se apresentar junto com seu grupo, “Bando da lua” para o presidente Franklin Roosevelt na Casa Branca. Carmen Miranda chegou a ser a mulher mais bem paga dos Estados Unidos segundo o Departamento de Turismo Americano.

Falecia no dia 5 de agosto de 1955, aos 46 anos, em Beverly Hill, Los Angeles, Califórnia (EUA), em completo estado de decadência e apresentando um completo enfraquecimento do corpo, fruto de um sistema perverso para obtenção de lucro a todo custo sem se quer importar com o ser humano, Carmen a pequena notável. Tratada como objeto, a sua morte deve-se ao fato de utilizar barbitúricos, chegando ao ponto do seu médico prescrever

um coquetel de morfina injetável, com o objetivo de colocá-la em pé para suas apresentações artísticas (shows, entrevistas, gravações de sets em filmes). Concorreu para sua morte prematura um casamento com David Sebastian, um pé rapado, gigolô, um homem de baixa estatura, careca e deficiente de um membro inferior.

O casamento sem sombra de dúvidas não teria a mínima chance de consolidar. Pois o futuro marido professava a religião judaica e Carmen era católica fervorosa e tinha como santo protetor São Judas Tadeu. A pequena notável era uma das mulheres mais cortejadas pelos homens, namorou rapazes belos, ricos e até artística famosos como Tayrone Edmund Power, Victor Mature e tantos outros astros de Hollywood. Após o casamento, Carmen falava em conversas particulares com as amigas: tantos homens belos passaram na minha vida, mas eu percebia que eles amavam a artista e não a mulher Carmen, e o David dava a impressão que seria o homem ideal para me proporcionar segurança masculina, estava completamente enganada.

O David Sebastian tinha o intuito unicamente de ficar com a fortuna angariada pela diva Carmen que, durante os 15 anos que logrou no EUA, foi a artista mais bem paga no mundo artístico, de igual modo a sua fama era tamanha que era a única artista sulamericana a ter suas mãos gravadas na calçada da fama.

A sua morte foi potencializada em decorrência dos constantes uso de bebidas alcoólicas e de medicamentos para acordar e dormir e não sentir dores nas suas apresentações artísticas, tornando-se assim um farrapo humano. Em que pese a fama, riqueza e influência nos meios artísticos, foi uma mulher deprimida, ansiosa e infeliz nas suas relações amorosas.

(Por motivos de ordem superior, o autor desta coluna não está podendo publicar textos inéditos, temporariamente. Assim, aproveitamos para relembrar seus artigos mais lidos, como este da edição de 16 de agosto de 2020)



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Linaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Os preços dos insumos

Não tem sido fácil para ninguém. Com as altas dos produtos, de maneira geral, começamos a sentir, muito forte, este reflexo dentro de nossas casas. Mas, para os comerciantes do ramo de hotelaria tem sido uma briga maior entre manter valores existentes ou alterar os valores. Essa resposta de subir valores o cliente não aceita. Por mais que saiba que tudo tem subido de preço, sempre irá existir o fator "tá caro".

Mas existem várias maneiras de fazer com que seu produto permaneça com o mesmo valor e você diminua seu custo sem precisar refletir no seu cliente. Para isso, são necessárias várias maneiras para solucionar o problema. Uma delas é solicitar ajuda de um bom chef consultor para tirar você desse atoleiro, antes mesmo que isso afunde seu negócio.

O fator comprar produto de má qualidade não vai te ajudar, vai te prejudicar muito mais. Já vi diferença em gramatura de peso de frango cru que depois de assado caiu mais de 30% em uma pequena porção. Até isso você tem que ficar atento para saber onde está seu erro e não perder dobrado em seu negócio.

O pior empreendedor é aquele que acha que sabe de tudo e é esperto em fazer as coisas. Esse é o que mais se dá mal no negócio. Se der as costas, está sendo mal gerenciado e muitas vezes está comprando gato por lebre, pois na sua posição ele está se achando o cara do negócio.

Não estamos vivendo um tempo de amadorismo. Essa é uma época que não se pode mais errar nem tentar da maneira que você acha que está correto, pois no final seu caminho será determinante para o fechamento de seu negócio.

PRATO DO DIA

Risoto de queijo de coalho com bisteca.

Ingredientes

- 1 cebola roxa bem ralada
- 2 bistecas bovinas magras e limpas
- Noz moscada a gosto
- Sal e pimenta do reino a gosto
- 2 colheres de sopa de manteiga
- 3 colheres de sopa de queijo de coalho ralado grosso
- 1 colher de sopa de azeite
- 3 dentes de alho
- 1 caldo de legumes para 1 litro de água para regar o risoto
- 50 ml de cachaça
- 2 xícaras de arroz arbóreo

Modo de preparo:

- Tempere as bistecas com sal e pimenta do reino. Em uma frigideira, coloque um pouco de azeite e os dentes de alho e coloque as bistecas para dourar ao seu ponto e reserve;
- Em uma panela, coloque um pouco de azeite e de manteiga, em seguida acrescente as cebolas raladas e o arroz arbóreo. Tempere com o sal, a pimenta do reino e a noz moscada, deixando grudar um pouco no fundo da panela. Em seguida, coloque a água com o caldo de legumes até cobrir o arroz e vá fazendo isso até o arroz ficar ao ponto de sua preferência, acrescente a cachaça, o queijo de coalho e finalize com uma boa colher de sopa de manteiga e pode servir.

Foto: Divulgação



QUENTINHAS

- Com uma proposta arrojada e aconchegante, João Pessoa ganhará um espaço gastronômico moderno para atender ao público mais exigente. Em breve, o Nui 360 abre as portas na Capital paraibana, sendo o único restaurante assinado por um 'Chef Michelin' na Paraíba – uma das mais importantes premiações da gastronomia. O menu exclusivo será assinado pelo premiado chef de cozinha francês Erick Jacquin, reconhecido pela revista Forbes como uma das 25 celebridades mais importantes do país. Seu Instagram é o @nui_360.

- Cafeteria italiana abre as portas no Complexo Tour Genève, em João Pessoa, com marca própria e cápsulas compatíveis com todas as máquinas. The Coffy Way, inaugurado na última quinta-feira, traz o sabor do café italiano com um toque de brasilidade, aliado a muita praticidade. Assim é a proposta do The Coffy Way, que inaugura a primeira franquia da marca no Brasil no Complexo Tour Genève, em João Pessoa. Já está aberta para receber seus clientes e provar das maravilhas que existem no local. Seu Instagram é o @thecoffyway.brasil.jampa.

- Neste fim de semana, tive o prazer de conhecer – junto com minha família – a Pousada dos Mundos, localizada na Praia de Tabatinga, Litoral Sul da Paraíba. Lugar lindo, cheio de atrativos e aconchegante, ideal para relaxar e ter contato com a natureza. Conheça o Instagram @pousadadosmundos.

- E por falar no Litoral Sul, não poderia deixar de falar do Restaurante e Pousada Gurugy, que fica localizada na linda praia do Amor. E tivemos o prazer, verdadeiramente falando, de almoçarmos por lá novamente. Conheça seu Instagram @gurugyrestaurante.

PITADAS A GOSTO

Produzido sobretudo no Nordeste, o queijo de coalho é querido no Brasil inteiro. Sua origem mais aceita remete à segunda metade do século 17, quando viajantes nordestinos levavam leite armazenado em bolsas feitas a partir do estômago de animais. Devido à longa duração das jornadas, o líquido ia coagulando até formar uma pasta que, acabou-se por descobrir, era muito saborosa. Bem à moda brasileira, uniu-se o útil ao agradável e surgiu, assim, um dos queijos mais típicos do país.